



LILIANA CRISTINA DO CARMO

**UMA PRÁTICA SOCIAL INERENTE À
MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR
REGIONAL: ANÁLISE DA FESTA DO CARRO DE
BOI DE MACUCO DE MINAS**

**LAVRAS-MG
2022**

LILIANA CRISTINA DO CARMO

**UMA PRÁTICA SOCIAL INERENTE À MANIFESTAÇÃO DE CULTURA
POPULAR REGIONAL: ANÁLISE DA FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE
MINAS.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental para obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior
Orientador

**LAVRAS-MG
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Carmo, Liliansa Cristina do.

Uma prática social inerente à manifestação de cultura popular regional: Análise da festa do carro de boi de Macuco de Minas / Liliansa Cristina do Carmo. - 2022.

94 p.: il.

Orientador(a): Antônio Fernandes Nascimento Junior.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Cultura. 2. Práticas sociais. 3. Carro de boi. I. Junior, Antônio Fernandes Nascimento. II. Título.

LILIANA CRISTINA DO CARMO

**UMA PRÁTICA SOCIAL INERENTE À MANIFESTAÇÃO DE
CULTURA POPULAR REGIONAL: ANÁLISE DA FESTA DO CARRO
DE BOI DE MACUCO DE MINAS**

**A SOCIAL PRACTICE INHERENT IN THE MANIFESTATION OF
REGIONAL POPULAR CULTURE: ANALYSIS OF THE PARTY OF
THE OX CAR IN MACUCO DE MINAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 24 de fevereiro de 2022.

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior - UFLA

Prof. Dr. Celso Vallin - UFLA

Profa. Dra. Marina Battistetti Festozo - UFLA

Prof. Dr. Antônio Fernandes Nascimento Junior
Orientador

**LAVRAS-MG
2022**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a Festa de Carro de Boi de Macuco de Minas como exemplo de prática social inerente à cultura popular regional, buscando entender como as relações entre os atores sociais deste evento acontecem, bem como qual a importância da festa para aquela comunidade. O interesse pelo tema surgiu do resgate de minha própria memória, por eu ter nascido na cidade de Itumirim, terra também de meus pais, cidade pela qual nutro extremo carinho. Por diversas vezes, em minha infância e juventude ouvi diversas histórias relacionadas à festa. Assim, com o intuito de resgatar e de me aproximar mais sobre o tema, foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto buscando compreender o termo cultura e sua relevância para a formação de uma sociedade e suas diversas nuances, em especial a cultura brasileira. Compreender o que são práticas sociais e como estas acontecem dentro de uma comunidade e sua importância dentro da cultura popular. O tema deste trabalho resgata o valor de uma tradição no interior de Minas Gerais: o carro de boi, em especial, como objeto celebrado na Festa do Carro de Boi de Macuco de Minas.

Palavras-chave: Cultura. Práticas sociais. Carro de boi. Festa de carro de boi.

ABSTRACT

This work aims to analyze the Party of Carro de Boi de Macuco de Minas as an example of social practice inherent to regional popular culture, seeking to understand how the relationships between the social actors of this event happen, as well as the importance of the party for that community. The interest in the subject arose from the rescue of my own memory, as I was born in the city of Itumirim, also my parents' land, a city for which I have extreme affection. Several times, in my childhood and youth, I heard several stories related to the party. Thus, in order to rescue and get closer to the subject, it was necessary to carry out a bibliographic research on the subject, seeking to understand the term culture and its relevance to the formation of a society and its various nuances, especially Brazilian culture. Understanding what social practices are and how they happen within a community and their importance within popular culture. The theme of this work rescues the value of a tradition in the interior of Minas Gerais: the ox cart, in particular, as an object celebrated at the Party of Carro de Boi de Macuco de Minas.

Keywords: Culture. Social practices. Ox cart. Ox cart party.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia - Carro de boi.....	38
Figura 2 – Fotografia - Carro de boi.....	38
Figura 3 – Fotografia - Carro de boi.....	39
Figura 4 – Fotografia – Carro de boi.....	39
Figura 5 – Fotografia – Roda do carro de boi.....	40
Figura 6 – Desenho – Carro de boi – vista lateral.....	40
Figura 7 – Desenho – Carro de boi – vista superior.....	41
Figura 8 – Desenho – Tipos de cangas.....	41
Figura 9 – Desenho – Eixo.....	41
Figura 10 – Fotografia – Arado de junta de bois.....	43
Figura 11 – Fotografia – Arado de junta de bois.....	43
Figura 12 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	46
Figura 13 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	47
Figura 14 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	47
Figura 15 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	48
Figura 16 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	48
Figura 17 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	48
Figura 18 – Fotografia – Festa do Carro de boi de Macuco Minas.....	49
Figura 19 – Print screen – Cartaz Festa carro de boi 1990.....	55
Figura 20 – Print screen – Festa carro de boi 1990.....	55
Figura 21 – Print screen – Festa carro de boi 1990.....	56
Figura 22 – Print screen – Festa carro de boi 2007.....	56
Figura 23 – Gráfico – Tempo de participação carreiros na festa.....	62
Figura 24 – Gráfico – Participação carreiros outras festas.....	64
Figura 25 – Gráfico – Sobre atividade de carreiro na atualidade.....	67
Figura 26 – Fotografia – Participação crianças festa 2021.....	70
Figura 27 – Fotografia – Produtor rural arando terra com bois.....	70
Figura 28 – Gráfico – Propriedade de carro de boi.....	71
Figura 29 – Fotografia – Prego sendo forjado em brasa.....	74
Figura 30 – Fotografia – Prego sendo forjado em brasa.....	74
Figura 31 – Gráfico – ponto mais importante da festa.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Objetivo	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 O que é cultura?	11
2.2 Classificação dos tipos de culturas	17
2.2.1 Cultura erudita	17
2.2.2 Cultura popular.....	17
2.2.3 Cultura de massa	18
2.3 Indústria Cultural.	18
2.4 Cultura Brasileira	20
2.5 As práticas sociais e suas relações com a noção de cultura.....	25
2.6 Memória resgate de cultura por meio de práticas sociais.	29
2.7 Práticas sociais e a complexidade cultural de Minas Gerais.....	33
2.8 Carro de boi – história.....	35
2.9 Origem do carro de boi	35
2.10 Conhecendo um carro de boi – suas partes	36
2.11 Uso do carro de boi	42
2.12 Carro de boi na atualidade	44
2.13 Festa do carro de boi de Macuco de Minas	45
3 METODOLOGIA.....	52
3.1 Tipos de pesquisas	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A -Roteiro de entrevista.....	88

ANEXO A - Carta Sr. Geraldo Ribeiro 01 – frente - escaneada.....	90
ANEXO B - Carta Sr. Geraldo Ribeiro 02 – frente - escaneada.....	92

1 INTRODUÇÃO

O tema central do meu trabalho é a análise da FESTA DE CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS como uma forma de prática social inerente à cultura popular local.

Falar sobre cultura é entrar num mundo rico de significados. A cultura é um complexo que inclui crenças, conhecimentos, artes, moral, leis, costumes e hábitos, entre outros, adquiridos pelo homem como membro de um grupo, de uma sociedade.

A cultura é o bem mais precioso que uma sociedade pode ter, é o que diferencia uma sociedade de outra, é o que a torna única. Mas também é por meio da cultura que grupos se identificam, se reconhecem.

Outro aspecto importante da cultura que também deve ser considerado, segundo Marilena Chauí (1994) (filósofa brasileira que expressa grande preocupação com a desigualdade e exclusão social) é o aspecto de resistência que a permeia, principalmente, quanto à cultura popular, pois é graças a ela que alguns grupos sociais existem, resistem e sobrevivem.

Podemos entender que a cultura é aprendida de duas formas: 1) assistemática: quando se aprende com a própria convivência, seriam os costumes, hábitos; 2) sistemática: quando se aprende com instituições organizadas, nestes casos seriam as leis, o saber acadêmico. Neste trabalho vou me ater à forma assistemática, analisando uma tradição do interior de Minas Gerais que ocorre em Macuco de Minas, distrito de Itumirim: a Festa do carro de boi.

O carro de boi tem grande importância no Estado de Minas Gerais, tendo sido utilizado nos tempos remotos como meio de transporte de produtos agrícolas, de animais de pequeno porte, de pessoas e até cortejos fúnebres. Atualmente, em várias cidades do interior do Brasil o carro de boi ainda exerce um fascínio, tendo em vista o seu papel significativo, quer seja como meio de transporte, quer seja como um elemento da cultura local sendo exposto como ornamento em propriedades rurais ou reverenciado em festas tradicionais.

Durante o decorrer das pesquisas que realizei para este trabalho pude constatar como é importante a preservação do patrimônio cultural de um grupo, principalmente, quando se trata de tradições antigas, tais como a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS.

Pude verificar pelas falas dos organizadores da festa que ela possui uma importância ímpar. Organizam e participam da festa ativamente, tendo a oportunidade de se expressarem, mantendo viva a história e a tradição de um povo. Mas, também, pude perceber que é uma tradição de resistência, pois é realizada há 36 anos, persistindo e resistindo no tempo.

A partir destas considerações destaco que o tema é relevante levando-nos a reflexões que possam contribuir para a valorização e preservação das manifestações culturais, das mais simples às mais complexas. Neste trabalho, colocando em evidência a festa do carro de boi como manifestação cultural para o distrito de Macuco de Minas, busquei analisar como uma prática social pode representar tão bem uma cultura popular, sendo um exemplo de educação ambiental, enfatizando sua importância para o município e objetivando formar cidadãos mais conscientes de seus bens culturais.

1.1 Objetivo

Este trabalho tem como objetivo analisar a FESTA DE CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS como exemplo de prática social inerente à cultura popular regional, buscando entender como as relações entre os atores sociais deste evento acontecem, bem como, a importância da festa para aquela comunidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é cultura?

Antes de falar sobre a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS propriamente dita, sendo esta um exemplo de prática social de uma cultura popular, é necessário iniciar este trabalho definindo o que é cultura.

Definir cultura é uma tarefa complexa, pois ela é estudada em diversas áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, entre outras. A palavra “cultura” é utilizada em diferentes campos semânticos, substituindo outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (CUCHE, 2002). Diariamente, ouvimos falar em “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola”, o que nos leva a crer que ao nos referirmos ao termo, precisamos complementá-lo adjetivamente para sabermos sobre qual área estamos falando.

A diversidade semântica da palavra cultura se deve ao próprio desenvolvimento histórico do termo. A origem da palavra cultura vem do termo em latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Até o século XVI, a palavra cultura significava “cuidado com algo”, por exemplo, cuidar de animal. A partir do final do XVII a palavra cultura ganha um sentido mais figurado designando também o esforço gasto para o desenvolvimento das faculdades humanas. É aí que aparece a ideia de cultura relacionada às obras artísticas.

Denys Cuche (2002) e Raymond Williams (2007) apontam os séculos XVIII e XIX como o período de consolidação do uso figurado da palavra cultura nos meios intelectuais e artísticos. Assim, expressões como “cultura das artes”, “cultura das letras” atestam que o termo era utilizado sempre seguido de um adjetivo para explicar qual assunto estava sendo cultivado.

No pensamento iluminista francês, a cultura representa o estado do espírito cultivado pela instrução. “A cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 2002), estando a palavra cultura relacionada à ideia de evolução, de educação.

Há uma diferenciação entre o estado natural do homem, um ser irracional ou selvagem, sem cultura e, a cultura que ele adquire por meio de conhecimento e instrução intelectual, obtendo, assim, o progresso intelectual. Embasado nesta ideia de progresso é que as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e alcançar o *status* de nações civilizadas. Esta foi a origem do pensamento de que os possuidores de cultura são

os indivíduos detentores do saber formal vigente em nossa era.

Na Alemanha, no século XVIII, a idéia de cultura como civilização era utilizada pelos príncipes da aristocracia alemã, que estavam “preocupados demais em imitar as maneiras civilizadas da corte francesa” (CUCHE, 2002). Porém, ocorre uma inversão de sentido quando a burguesia, que não compartilhava o poder com os nobres, começa a criticar os hábitos cerimoniais dos príncipes alemães em contraposição com a cultura, que caracteriza, neste pensamento, o que é autêntico, profundo e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual.

De acordo com Cuche (2002), a civilização, relacionada à nação francesa, passa a ser colocada em oposição à cultura que, entendida como uma marca distintiva da originalidade e da superioridade do povo alemão, adquire um importante papel nas discussões nacionalistas que se conformariam nos períodos históricos posteriores e que culminariam na Primeira Guerra Mundial.

Assim, na Alemanha a cultura era vista como expressão de uma consciência nacional que se questiona sobre o caráter específico do povo alemão que não conseguiu ainda a sua unificação política. Diante do poder dos Estados vizinhos, a França e a Inglaterra e em particular, a ‘nação alemã’, enfraquecida pelas divisões políticas, fragmentada em múltiplos principados, procura afirmar sua existência glorificando sua cultura (CUCHE, 2002).

A evolução do significado de cultura no embate entre estes dois países deu origem a duas concepções de cultura que estão na base dos estudos das Ciências Sociais. Os franceses entendem a cultura como característica do gênero humano dando origem ao conceito universalista. Ao contrário, os alemães entendem a cultura como “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (CUCHE, 2002) originando o conceito particularista da cultura.

O pensamento universalista da cultura foi condensado por Edward Burnett Tylor sendo este considerado o fundador da antropologia britânica, segundo Cuche (2002). Ele escreveu a primeira definição etnológica da cultura, ressaltando o caráter de aprendizado cultural em oposição à ideia de transmissão biológica:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (apud LARAIA, 2006, p. 25).

Contudo, Tylor defendia o princípio do evolucionismo, segundo o qual havia uma

escala evolutiva de progresso cultural que as sociedades primitivas deveriam percorrer para chegar ao nível das sociedades civilizadas.

Franz Boas, antropólogo alemão radicado nos EUA, foi um dos pesquisadores que mais influenciaram o conceito contemporâneo de cultura na antropologia americana, sendo um contrário à concepção evolucionista. É tido como o inventor da etnografia por ter sido o primeiro antropólogo a fazer pesquisas convivendo nas sociedades primitivas. Boas chegou a conclusão que a diferença fundamental entre os grupos humanos não era de ordem racial ou determinada pelo ambiente físico, mas de ordem cultural. Defendia que os estudos dos costumes particulares de uma determinada comunidade deve se pautar no seu contexto cultural e na reconstrução de sua origem e história. O resultado desta constatação foi o reconhecimento da existência de diversas culturas, e não de uma única cultura universal.

Como há uma multiplicidade de interpretações e usos do termo cultura, adotarei neste trabalho as três concepções de entendimento da cultura, que se relacionam mais com o meu tema, sendo elas: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano.

Na primeira concepção, a cultura é definida como um sistema de símbolos, significados criados pelos grupos sociais, sendo produzida “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTELHO, 2001).

Marilena Chauí (1995) alerta para a necessidade de ampliar o conceito de cultura, devendo ser visto como uma invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais”. Para ela, o patrimônio cultural imaterial tem que ser valorizado, ou seja, o modo de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que fazem parte de cada grupo.

A segunda concepção se baseia numa visão mais restrita da cultura, refere-se às obras e práticas das artes, da atividade intelectual e do entretenimento. Esta dimensão está mais restrita a ambientes especializados e organizados. “É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001).

A produção, distribuição e consumo de bens e serviços formam um conjunto de produção cultural, o qual é tido como uma importante estratégia para o desenvolvimento das nações, vez que estas atividades contribuem para a geração de emprego e renda.

O estudo da Economia da Cultura visa entender a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas. “Vista sob esse ângulo, a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico” (REIS, 2007).

Já a relação entre cultura e mercado produz dois processos diversos: a mercantilização da cultura, ou seja, as atividades culturais passam a ser desenvolvidas visando a distribuição em massa gerando lucro comercial; e a culturalização da mercadoria, quando se atribui valor simbólico a objetos do uso cotidiano, tornando-os desejos de consumo.

A terceira concepção da cultura visa ser esta um fator de desenvolvimento social. Assim, as atividades culturais são realizadas com intuítos sócio-educativos diversos: estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente, mudando ou conservando determinado hábito; fomentar o sistema educacional, a fim de estimular o interesse dos mais novos; auxiliar no enfrentamento de problemas sociais. Segundo Canclini (1987), é possível ver a cultura “como parte de la socialización de las clases y los grupos en la formación de las concepciones políticas y en el estilo que la sociedad adopta en diferentes líneas de desarrollo”.

Assim, podemos compreender a cultura por meio de três concepções fundamentais. Na primeira é vista sob um conceito mais amplo em que todos os indivíduos são produtores de cultura, sendo um conjunto de significados e valores dos grupos humanos. Na segunda há um protagonismo das atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que formam o sistema da indústria cultural. Por fim, na terceira, a cultura é vista como instrumento para o desenvolvimento político e social, onde o campo da cultura se confunde com o campo social.

Portanto, o termo cultura pode ser interpretado de diversas maneiras. Sendo que para alguns pesquisadores a cultura é um conjunto de elementos morais e simbólicos, enquanto para outros são práticas e produções materiais, por considerarem que cultura não pode ser reduzida a representações morais dos indivíduos que a constroem. Assim, modelos, valores e símbolos são inseparáveis de comportamentos, ações e práticas, formando, juntas, configurações culturais, isto é, cultura (DUPUIS, 2008).

Para Trice e Beyer (1984), a cultura possui dois elementos básicos: substância e forma. A substância é a rede de significados contidos em ideologias, normas e valores. A forma está relacionada com as práticas em que estes significados são expressos, afirmados e repassados para os membros do grupo. Portanto, essas práticas são manifestações

concretas da cultura. Existem quatro espécies principais de formas culturais: símbolos, linguagem, narrativa e práticas (TRICE; BEYER, 1984). As formas culturais dão materialidade às ideologias organizacionais, e servem como um mecanismo de percepção pelo qual a cultura é transmitida e reforçada em um determinado grupo.

Para Dupuis (2008), a cultura seria “constituída pela interação de elementos estruturais” como economia, administração, práticas e representações sociais que constituem as “manifestações da cultura” de um grupo social.

Esse entendimento de cultura adapta-se ao que Geertz (2009) denomina de forma interpretativa do fenômeno, que se concentra no “significado que instituições, ações, imagens, locuções, eventos, costumes [...] têm para seus proprietários”.

Geertz (1989), considerando que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, entende a cultura como “sendo essas teias e a sua análise, portanto, como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Geertz (1989) ainda afirma que “é um contexto, dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos podem ser descritos de forma inteligível”. Continuando, esse autor ressalta que “é através do fluxo do comportamento, ou mais precisamente da ação social, que as formas culturais encontram articulação”.

Nessa concepção, cultura seria a maneira como as pessoas e os grupos sociais se relacionam e agem, o que é ressaltado por D'Iribarne (1983), ao afirmar ser cultura um recurso para o estabelecimento de relação e cooperação entre atores sociais. Nesta perspectiva, torna-se importante identificar o conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de grupos sociais vistos e compreendidos como integrantes de uma mesma cultura ou subculturas. Isto que é explicado no sentido antropológico, ao não se falar em cultura no singular, mas em culturas, pois as leis, os valores, as crenças, as práticas e as instituições variam de uma formação social para outra (CHAUI, 1994).

De um modo geral, a noção de cultura pode ser entendida na perspectiva de memória coletiva. No entanto, como diz Ortiz (2006), a memória coletiva só existe enquanto vigente, enquanto prática que se manifesta no dia-a-dia das pessoas, essa concepção agrega, ao entendimento de cultura, movimento, transformação e a forma dinâmica da atuação dos atores sociais no mundo.

Como dito acima, existem distintos conceitos e usos da palavra cultura na atualidade. A cultura possui caráter transversal, pois está presente em diversas áreas da vida cotidiana. Além disso, o termo é utilizado em várias áreas de conhecimento, o que

amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura.

Uma definição aceita é a que identifica cultura com os modos de vida que caracterizam uma coletividade, onde todos os sujeitos são produtores da cultura, ou seja, uma população faz cultura através de seus costumes e tradições. Não se reconhece como cultura somente o produto de conhecimento acadêmico, científico ou relacionada à área da indústria do entretenimento, da produção cultural.

Sob todos os aspectos que analisarmos o papel central que a cultura exerce na vida da sociedade contemporânea exige uma atuação efetiva dos poderes públicos através da implantação de órgãos específicos para a gestão cultural em todas as esferas (municipal, estadual e federal), e elaboração e execução de políticas públicas.

Para tanto, há que se conceituar política cultural, sendo uma boa a definição abaixo:

El conjunto de intervenciones realizadas por el estados, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad. (CANCLINI, 2001, p. 65)

Podemos separar nesta definição dois pontos fundamentais: os atores sociais que devem estar envolvidos nas políticas culturais e, os objetivos dessas políticas. Em relação aos atores, essas intervenções devem envolver os poderes públicos, as instituições civis e os grupos comunitários. A democracia cultural é uma concepção de gestão das ações para o setor que entende que a população é o alvo das políticas públicas e a maior conhecedora de suas reais necessidades. Sendo assim, a população deve compartilhar responsabilidades com o Estado em relação à elaboração e a execução das políticas públicas.

Canclini (2001) ressalta que a política cultural deve orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e contribuir para transformação social. O Estado deve dar apoio às diversas manifestações clássicas, eruditas e populares; consagradas e emergentes e reconhecer as práticas inovadoras dos movimentos sociais, comunitários, religiosos, étnicos ou de gênero. Esta concepção não é contrária às ações pontuais, como a promoção de grandes festas e eventos, mas privilegia ações com sentido contínuo. Além disso, as atividades devem, preferencialmente, acontecer mais próximas de onde as pessoas vivem, nos seus espaços de origem, buscando a descentralização das ações e aproximação com a população.

Portanto, a política cultural tem que ser elaborada considerando a preservação e o

respeito às tradições culturais, o potencial econômico das indústrias criativas ou o papel da cultura como fator de desenvolvimento humano. Sendo assim, estes três aspectos devem ser levados em consideração na elaboração de políticas públicas de cultura, mas ressaltando que a população deve ser o foco das ações.

2.2 Classificação dos tipos de culturas

Embora a cultura tenha diferentes conceitos em diversas áreas é possível estabelecer três tipos básicos de cultura, tomando-se por base a concepção restrita da palavra no que se refere mais ao ambiente artístico e estético do que a um conjunto de saberes coletivos. São eles:

2.2.1 Cultura erudita

Utilizada como sinônimo de cultura muito desenvolvida esteticamente e de alto valor, é um termo que, quando utilizado, pode resultar em uma visão etnocêntrica. É a cultura criada por uma elite econômica, social ou intelectual, que tenta se sobrepôr aos outros tipos de cultura por meio de sua própria classificação.

Muitos elementos culturais criados pelas elites foram amplamente difundidos, sobretudo pelas elites europeias, como a música erudita barroca e clássica, a ópera, a pintura, etc. Como exemplo temos a ópera o Barbeiro de Sevilha, pintura de Monalisa etc.

2.2.2 Cultura popular

É a expressão cultural geral de um povo que, em muitos casos, em especial em países como o Brasil, está fora do eixo erudito, por ser uma manifestação popular criada por povos marginais, ou seja, que estão fora das elites.

Se pensarmos no Brasil e considerarmos o interior temos uma vasta e rica cultura caipira, sertaneja, indígena, nordestina, nortista, e outras e, nos centros urbanos, a cultura das periferias e favelas, às quais não se enquadram no padrão erudito, pois a nossa “erudição cultural” importou padrões essencialmente europeus. Temos como exemplos a cultura indígena, o cordel nordestino, a música sertaneja de raiz, o samba, que foi rechaçado pela cultura erudita por ser uma expressão cultural dos negros, descendentes de escravos e favelados, o rap brasileiro e o funk carioca autêntico (o funk carioca de origem que reflete o

cotidiano das favelas e comunidades, sem a interferência da indústria cultural que lhe dá nova roupagem e o massifica), que hoje passam pela mesma discriminação que o samba sofreu no início do século passado. Essas mudanças de visão demonstram que os padrões culturais e estéticos mudam ao longo do tempo.

2.2.3 Cultura de massa

A cultura de massa é diferente da cultura popular e da cultura erudita, mas pode conter elementos de ambas. A cultura de massa não é uma manifestação cultural autêntica criada por um povo ou por uma elite intelectual, mas é um produto da indústria cultural, que visa atender às normas do mercado e fazer da cultura e da arte um negócio lucrativo, produzindo e vendendo elementos culturais como se fossem objetos que as pessoas desejam comprar.

É o produto realizado pela indústria cultural. É o meio e o fim pelo qual se submetem as mais variadas expressões culturais a um ideal comum e homogêneo. Padroniza e homogeneiza os produtos gerando o mesmo efeito nos consumidores, os quais são induzidos a desejos e necessidades superficiais. Sintetizando a cultura de massa tem um objetivo bem claro que é venda e consumo.

2.3 Indústria Cultural.

Outro conceito de grande importância que devemos nos apropriar é o da indústria cultural. O século XX assistiu a um desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, bem como sua rápida popularização e disseminação por todo o mundo. Ao mesmo tempo em que se dava esse desenvolvimento, muitos estudiosos viam no emprego da tecnologia nos processos de produção cultural um caminho para a democratização do conhecimento e para a emancipação do indivíduo. Porém, outros estudiosos tinham uma postura mais cética acerca desse processo, entre eles, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

O objeto de estudos destes autores eram os produtos culturais que, após o desenvolvimento das técnicas modernas de reprodução, passaram a fazer parte do cotidiano de cada vez mais pessoas. O conceito desenvolvido por Adorno e Horkheimer (2002) se refere à ideia de produção em massa, comum nas fábricas e indústrias, passou a ser adaptado à produção artística. É a concepção de fazer arte em escala industrial.

Dessa maneira, músicas, filmes, espetáculos e outras obras, são desenvolvidos sob a

lógica de produção em massa. Há um pensamento dominante que passa a influenciar o modo como os artistas produzem e como os telespectadores consomem a cultura.

A cultura passou a ser produzida e distribuída de maneira a atingir o maior número possível de pessoas, adquirindo um caráter massificador, naturalizando, assim, a visão de mundo das elites. Portanto, o objetivo da indústria cultural é o lucro e manutenção do pensamento dominante. Assim, a cultura passa a ser uma massa de manobra da população, que precisa ser mantida presa na ideologia dominante. É a cultura vista como mercadoria e estratégia de controle.

A indústria cultural padroniza as expressões artísticas para que elas possam ser facilmente reproduzidas e comercializadas, gerando lucro e disseminando determinadas crenças e formas de se comportar, trata as pessoas como simples consumidores, acríticos, que são definidos a partir dos produtos consumidos.

A cultura também pode ser utilizada para legitimar determinados interesses. A lógica da articulação mercadológica entre cultura, arte e diversão passou a legitimar o modo de produção capitalista também nos momentos de lazer da classe trabalhadora, o que pode ser resumido na frase de Adorno (1985) “diversão é o prolongamento do trabalho sobre o capitalismo tardio.”

Outro pensador que deu uma contribuição importante para a compreensão da indústria cultural foi Antonio Gramsci, por meio do conceito de hegemonia. Gramsci (1978) sempre se interessou em estudar os mecanismos da relação entre coerção e consenso no capitalismo, assim, com o conceito de hegemonia ele apresentou a ideia dos momentos em que o capitalismo se consolida não pela coerção física, mas sim pela aceitação das classes subalternas.

É por meio da hegemonia que os valores da classe dominante são elevados ao *status* de consenso, e neste processo a indústria cultural tem um papel importante tendo em vista que para Gramsci (1978) a ideologia dominante é a da classe dominante. Portanto, a ideologia dominante, no capitalismo, incorpora elementos das classes populares utilizando a indústria cultural como instrumento de manobra, incorporando conteúdos aparentemente contestadores somente para produzir o consenso nas classes subalternas em torno do poder do capital. Um exemplo clássico disso é mercantilização da figura de Che Guevara reproduzida em larga escala em camisetas, bonés, bandanas etc.

Adorno (1985) sempre teve uma visão pessimista acerca do potencial dos meios de comunicação, o que foi alvo de críticas ao longo dos tempos. É visível que com o desenvolvimento das mídias digitais e da internet a circulação de ideias ficou mais fácil, porém o pessimismo de Adorno (1985) ainda é presente e real, visto que as ideias que circulam ainda são produzidas por grandes grupos econômicos, assim, sempre que olharmos a cultura em suas

diversas facetas, não podemos deixar de lado os interesses econômicos que estão movendo essa produção.

O poder econômico, político, a tecnologia e a ciência seriam empregadas para impedir que as pessoas tomassem consciência de suas condições de desigualdade. Assim, um trabalhador que em seu horário de lazer deveria ler bons livros, ir a teatros, tornando-se uma pessoa questionadora e engajada politicamente, senta-se na frente da TV para esquecer seus problemas e absorve os mesmos valores que estão presentes em sua rotina de trabalho. É desta forma árdil que a indústria cultural exerce controle sobre a massa.

De acordo com Adorno (1985), a indústria cultural produz hábitos e ideologias que serão comercializados e absorvidos completamente pelos indivíduos. Seguindo esse pensamento, percebe-se que a cultura popular é relegada a segundo plano para privilegiar uma cultura produzida pelo capitalismo. Por isso, é tão importante o estudo de práticas culturais regionais brasileiras, como é o caso da FESTA DE CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS, para conhecermos e entendermos como essas culturas populares foram se formando, existem e resistem atualmente.

2.4 Cultura Brasileira

A Cultura nacional seriam os valores, símbolos, crenças, bem como ações e práticas compartilhadas por um determinado grupo social. Em cada grupo social, diz D'Iribarne (2003), existem formas de continuidade e de mudanças, sendo possível, com isso, uma maneira de conceituar cultura que respeite a forma daquilo que muda ou do que permanece.

A cultura brasileira tem por base um grupo social misto e complexo, formado pela mescla da cultura dos nativos, dos portugueses e, posteriormente, dos africanos, primeiro como escravos e depois como oprimidos e subjugados. Assim, falar de cultura brasileira é falar de reprodução, de continuidades, de rupturas desses modelos, levando em conta a natureza dessa cultura e de suas subculturas e suas diferenças.

Para conceituar a cultura brasileira é necessário considerar seus valores, modos de conceber e fazer as coisas, é primordial que consideremos a convergência de culturas, principalmente, aquela própria da colonização ibérica, componente basilar da cultura brasileira. Essa colonização trouxe no seu seio valores como o personalismo, o aventureirismo, e uma lógica patrimonialista da sociedade, fundamentada no clã patriarcal, com a dominação de um lado e a subordinação ou submissão de outro, o que contribuiu para moldar a personalidade do colonizado (HOLANDA, 1995; FREYRE, 1981).

Assim, citando Holanda (1995), pode-se dizer que de Portugal “nos veio a forma atual de nossa cultura, o resto foi matéria que se sujeitou bem ou mal a essa forma”. O que é reforçado por Ortiz (2006) que, ao estudar pesquisadores da cultura brasileira, caracteriza o Brasil como um somatório de ideias e produtos culturais vindos do exterior, sendo um espaço propício à absorção das ideias estrangeiras.

Isto nos possibilita entendermos alguns pontos, como, por exemplo, a formação da cultura brasileira ter se realizado dentro de um processo de dominação política que incluía uma capacidade de reprodução e articulação de normas e de relações sociais das elites, sem nenhuma representação da sociedade. Esta questão deixou marcas na formação mista e complexa da sociedade brasileira, criando possibilidades para o desenvolvimento de uma lógica de dependência do Estado, segundo a qual a própria sociedade exige um tratamento paternalista.

Seguindo este pensamento, o Brasil aprendeu a viver com demonstrações de poder e força entre grupos sociais e políticos, aumentando, assim, o poder e a prepotência desse Estado (DAMATTA, 1997), baseada em pactos políticos e articulações de interesses, que se arrasta até hoje.

Esta sociedade brasileira constituída de uma miscelânea de raças, é o que lhe garante uma diversidade de hábitos, valores e crenças, tanto nacionais como importados, possuindo, por um lado, práticas sociais, culturais e técnicas avançadas e, por outro, tradicionais e, até mesmo, arcaicas, advindas dos costumes da época colonial, como é o exemplo do carro de boi. Mas é também por meio desta complexidade cultural que o Brasil se torna uma sociedade singular.

A cultura brasileira, assim como a formação étnica do povo brasileiro, é ampla e diversa. Nossos hábitos culturais receberam influências de povos indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, entre outros, devido à colonização, à imigração e aos povos que já habitavam aqui. São elementos característicos da cultura brasileira a música popular, a literatura, a culinária, as festas tradicionais nacionais, como o carnaval, e as festas tradicionais locais, como a Procissão do Fogaréu em Goiás e o Festival de Parintins no Amazonas.

A religião, como elemento cultural importante, também sofreu miscigenação, formando o que chamamos de sincretismo religioso. O sincretismo religioso brasileiro reúne elementos do candomblé, do cristianismo e das religiões indígenas, formando uma concepção religiosa plural.

Os costumes brasileiros são variados, tendo em vista esse mosaico racial. Se falarmos em termos morais, a nossa influência toma como base, principalmente, a moral judaico-cristã. O cristianismo constitui a maior influência religiosa para a formação de nosso povo,

principalmente pela vertente católica, que desde a colonização se fez presente e compõe o maior grupo religioso brasileiro. Também não podemos deixar de falar da influência moral de outros povos que vieram para o Brasil por meio dos fluxos migratórios, como os africanos, japoneses, italianos.

Os elementos mais antigos da cultura verdadeiramente brasileira remontam aos povos indígenas que já habitavam o território de nosso país antes da chegada dos portugueses em 1500. Donos de diversas culturas extensas, os povos nativos mantinham as suas crenças e praticavam seus elementos culturais aliados a um modo de vida simples e em contato com a natureza. Essas culturas indígenas são de suma importância, mesmo porque são os índios os nativos da terra. Atualmente, há encontros indígenas pelo Brasil, nos quais as nossas culturas nativas são promovidas por meio de exposições, de dança, música, vestimenta etc.

Consumimos diariamente pratos típicos indígenas, além de incorporarmos em nosso vocabulário palavras oriundas da família linguística tupi-guarani. Palavras como caju, acerola, guaraná, mandioca e açaí têm origem indígena, além do hábito alimentar que desenvolvemos comendo esses frutos e da mandioca ter nascido na cultura indígena antes da chegada dos portugueses.

Com a vinda dos portugueses e o início da colonização, a cultura europeia foi introduzida, à força, nos povos indígenas, por meio das missões da Companhia de Jesus que vieram para o Brasil com o intuito de catequizar os índios, salvar suas almas. Neste ponto há que se ressaltar que a colonização se deu por meio de muito sofrimento dos indígenas, que tiveram suas culturas renegadas, tendo que se submeterem a crenças e hábitos estrangeiros.

No século XVII, devido ao grande avanço da agricultura, principalmente da cana de açúcar, os europeus começaram a trazer os negros africanos, à força, para o Brasil, como escravos. Esses, desumanamente escravizados, trouxeram consigo elementos da sua cultura e de seus hábitos, como as religiões de matriz africana, a sua culinária e seus instrumentos musicais.

Os africanos, que tanto contribuíram para a formação da nossa cultura, trouxeram para o Brasil as suas práticas religiosas expressas hoje, principalmente, pelo candomblé e pela umbanda, que mistura elementos do candomblé com o espiritismo kardecista, além do catolicismo. Também trouxeram pratos típicos de suas regiões e criaram aqui pratos com inspiração naquilo que compunha a culinária africana dos locais de onde vieram. Outro elemento cultural importante em nosso país é a capoeira, que pode ser considerada um esporte, uma dança, uma música, uma luta que tem raízes africanas, mas que foi criada no Brasil. No Brasil o Dia de Iemanjá é comemorado, em sua maior parte, por devotos do candomblé e da

umbanda.

No século XIX, o Brasil passou por mais um processo migratório dos trabalhadores italianos que vieram trabalhar nas lavouras de café, época em que já começava a ser falar em abolição da escravatura. Outros grandes fluxos migratórios significativos aconteceram quando japoneses, alemães e judeus buscaram refúgio em terras brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial.

Toda essa amplitude de povos provocou a formação de uma cultura plural constituída de culturas diferentes, mas, ao mesmo tempo, singular. As diferenças geográficas e climáticas do Brasil também foram fatores determinantes para que o processo cultural brasileiro se tornasse plural e diversificado.

Por possuir um território de proporções continentais, o Brasil, ao longo de sua história, viu o desenvolvimento de diferentes vertentes culturais, devido às diferenças geográficas que separam o território, influenciando sobremaneira a pluralidade de hábitos e costumes regionais.

Um exemplo clássico desta diversidade pode ser encontrado na música. Se considerarmos a música sertaneja de raiz, caipira, encontramos nela elementos que remetem à vida no campo, do interior. Já o funk carioca fala da vida nas favelas, nas comunidades de onde ele surgiu. A literatura de cordel, por sua vez, trata de temas relativos ao sertanejo nordestino, enquanto os elementos da vida gaúcha tratam da vida dos povos que se estabeleceram no Sul do país, sob influência de alemães e argentinos.

Pensando em termos culinários, vez que a culinária é um importante elemento cultural de um povo, temos pratos típicos e ingredientes que provêm da cultura indígena, dos estados nordestinos e do Centro-Oeste brasileiro, por exemplo. Enquanto vatapá e acarajé são pratos típicos baianos de origem africana, os habitantes do Cerrado consomem pequi, e a culinária tradicional paulista é fortemente influenciada pela culinária portuguesa e italiana.

Como dito, a cultura brasileira sofreu a influência de vários povos, constituindo um mosaico de raças que convivem desde o descobrimento do Brasil e vem ao longo dos tempos se tornando cada vez mais complexas, haja vista o atual processo de globalização intenso. Entre essas influências, a europeia é a primeira e uma das mais importantes tendo em vista estar presente em nosso país desde o descobrimento.

A cultura europeia é, sem dúvida, uma fornecedora de elementos culturais para o Brasil de grande importância. Foram os europeus os que mais migraram para o país. Culinária, festas, músicas e literatura foram trazidas para o território brasileiro, fundindo-se com os elementos de outros povos. Além da cultura popular dos países europeus, foi trazida também a cultura erudita, marca essencial das elites intelectuais e financeiras europeias. O carnaval, festa de

origem pagã, tão comemorado no Brasil e reconhecido mundialmente, é também visto na tradição europeia, como é o caso do Festival de Veneza. A cultura brasileira atual é influenciada fortemente pelos elementos da indústria cultural. Além desses fatores, existem outros oriundos da cultura produzida nas periferias, que não necessariamente são frutos da indústria cultural.

Podemos citar o hip hop que compõem a cultura brasileira contemporânea. Podemos relacionar o hip hop e o funk como elementos que impulsionam a cultura brasileira atual, para além da cultura de massa produzida pela indústria cultural. Nesses casos, podemos relacionar esses elementos a uma cultura autêntica, produzida pela periferia e para a periferia, sendo muitas vezes confundidos com os elementos da indústria cultural ou incorporado por eles.

Portanto, a cultura brasileira é ampla e diversa. Se considerarmos o Brasil, na sua formação étnica e em sua territorialidade, em suas condições climáticas e geográficas, a nossa cultura pode ramificar-se em centenas de eixos, vindos dos vários polos culturais estabelecidos em todos os estados de todas as regiões brasileiras, com suas características individuais.

A pluralidade cultural refere-se aos diferentes costumes e hábitos de uma sociedade, entre os quais podemos citar: vestimenta, culinária, manifestações religiosas, tradições, entre outros aspectos. O Brasil, por conter um território de proporções continentais, apresenta diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais entre as suas regiões.

Sabemos que os principais propagadores da cultura brasileira são os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos. Posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Brasil.

Assim, a título de exemplo farei uma pequena análise da diversidade cultural brasileira considerando suas principais regiões, a começar pela Região Nordeste. Entre as manifestações culturais desta região estão danças e festas como o bumba meu boi, maracatu, carnaval, ciranda, coco, terno de zabumba, marujada, reisado, frevo, cavahada e capoeira. Algumas manifestações religiosas são de conhecimento nacional e de grande importância regional, por exemplo, a festa de Iemanjá e a lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim.

A literatura de cordel é uma manifestação literária do interior do nordeste brasileiro. É um gênero literário feito em versos com métrica e rima, caracterizado pela oralidade e por uma linguagem informal. O nome “cordel” faz referência às cordas onde os folhetos ficavam expostos. Seu formato foi inspirado nos cordéis lusitanos, trazidos ao Brasil pelos colonizadores portugueses.

O artesanato é representado pelos trabalhos de rendas. Os pratos típicos são: carne de sol, peixes, frutos do mar, buchada de bode, sarapatel, acarajé, vatapá, cururu, canjica, arroz-

doce, bolo de fubá cozido, bolo de massa de mandioca, broa de milho verde, pamonha, cocada, tapioca, pé de moleque, entre tantos outros.

A quantidade de eventos culturais do Norte também é enorme. As duas maiores festas populares do Norte são o Círio de Nazaré, em Belém (PA) e o Festival de Parintins no Amazonas, a mais conhecida festa do boi-bumbá do país. Outros elementos culturais da região Norte são: o carimbó, o congo ou congada, a folia de reis e a festa do divino. A influência indígena é fortíssima na culinária do Norte, baseada na mandioca e em peixes. Outros alimentos típicos do povo nortista são: carne de sol, tucupi (caldo da mandioca cozida), tacacá (espécie de sopa quente feita com tucupi), jambu (um tipo de erva), camarão seco e pimenta-de-cheiro.

A cultura do Centro-Oeste brasileiro é bastante diversificada, recebendo contribuições principalmente dos indígenas, paulistas, mineiros, gaúchos, bolivianos e paraguaios. As manifestações culturais típicas da região são: a cavalhada e o fogaréu, no estado de Goiás e o cururu, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A culinária regional é composta por arroz com pequi, sopa paraguaia, arroz carreteiro, arroz boliviano, empadão goiano, pamonha, angu, curau, os peixes do Pantanal - como o pintado, pacu, dourado, entre outros.

Os principais elementos da cultura regional do Sudeste são: festa do divino, festejos da Páscoa e dos santos padroeiros, congada, carnaval, peão de boiadeiro, festa de Iemanjá, folia de reis, caiapó. A culinária do Sudeste é bem diversificada e apresenta forte influência do índio, do escravo e dos diversos imigrantes europeus e asiáticos. Entre os pratos típicos se destacam a moqueca capixaba, pão de queijo, feijão-tropeiro, carne de porco, feijoada, aipim frito, bolinho de bacalhau, picadinho, virado à paulista, cuscuz paulista, farofa, pizza, etc.

A Região Sul apresenta aspectos culturais dos imigrantes portugueses, espanhóis e, principalmente, alemães e italianos. As festas típicas são: a Festa da Uva (italiana) e a Oktoberfest (alemã). Também integram a cultura sulista: o fandango de influência portuguesa, a tirana e o anuo de origem espanhola, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a congada, o boi-de-mamão, a dança de fitas, boi na vara. Na culinária estão presentes: churrasco, chimarrão, camarão, pirão de peixe, marreco assado, barreado (cozido de carne em uma panela de barro), vinho.

Assim, com estes pequenos exemplos, podemos verificar a diversidade cultural existente em nosso país, o que o torna tão singular, tão especial.

2.5 As práticas sociais e suas relações com a noção de cultura

Devido a essa complexidade cultural brasileira existem diversas práticas sociais

singulares e diferenciadas que estão presentes em todo nosso território e que são ricas fontes de aprendizado e transmissão de conhecimentos.

Os conhecimentos podem ser construídos em práticas sociais, das quais participamos no nosso dia a dia e que orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos. As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele, é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (COTA, 2000).

Entre vários estudos existentes acerca do tema de práticas sociais, destaca-se o realizado pelas pesquisadoras abaixo que entendem

que para chegar à compreensão de práticas sociais e dos processos educativos delas decorrentes, na realidade brasileira, é fundamental situá-los cultural, histórica e politicamente no nosso continente, a América Latina. Inspirados no pensamento de Paulo Freire e de outros, partimos das experiências dos povos da América Latina de sobreviverem à espoliação material e cultural que o colonialismo desde o século XVI, hoje sob a forma de globalização, tenta impingir. (OLIVEIRA; SILVA, 2009)

As práticas sociais decorrem das interações entre os indivíduos e entre eles e os diversos ambientes nos quais vivem: natural, social e cultural. É no interior destes grupos que as práticas sociais se desenvolvem buscando sempre transmitir valores e significados mantendo, assim, a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. Porém, as práticas sociais podem enraizar ou desenraizar. O enraizamento parte e busca manter vivas as tradições, entendidas como as referências primeiras que sustentam visões de mundo e permitem que sejam refeitas, sem abandonar sua origem (BORNHEIM, 1978).

O desenraizamento, por sua vez, parte de diferentes contextos, pontos de vista, datas distintas, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades.

Assim, as práticas sociais se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais amplos, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações.

As práticas sociais podem se constituir em ações de grupos e comunidades que buscam a transformação de realidades que identificam como injustas, discriminatórias, opressivas. Mas, também, podem se direcionar a manutenção de critérios para dividir as pessoas em “mais” e em “menos” humanas, com mais e menos poder, muitas vezes sob aparência de generosidade que

encobre o desejo de subjugar, negar a humanidade de cada pessoa, conforme alerta Freire (1987).

As práticas sociais se estendem no espaço e no tempo construído por aqueles que delas participam. Sua permanência, desaparecimento, transformação depende dos atores que as constroem, desenvolvem, mantêm ou suprimem, sempre considerando os objetivos que com elas se quer atingir. Os atores são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, lutando pela sua existência, ou seja, criam cultura.

As práticas sociais contribuem, e muito, para a criação de nossas identidades. Estão presentes na história da humanidade, encravadas em culturas e se solidificam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Delas, participam, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças, necessidades, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem seus modos de pensar, ser, agir, perceber experiências produzidas na vida, problemas e dificuldades, com o objetivo de entendê-los e resolvê-los.

Assim sendo, estamos diante de muitos tipos de relações sociais, múltiplas redes relacionais, afetivas e de construção de conhecimento (MCLENNAN, 1995). São estas redes que compõe as culturas nacionais, isto é, as heranças de valores, de conhecimentos manifestados, num conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de diferentes grupos sociais e étnico-raciais. Por fim, são nestas relações de convívio amistoso ou tenso, acolhedor ou excludente, que as pessoas se educam na sua humanidade, para a cidadania negada, conquistada, assumida.

É por meio das práticas sociais que se promove a formação para a vida na sociedade, e dentro dessas práticas os processos educativos se desencadeiam, assim tem sido em todas as sociedades, ao longo da história humana. Silva (1987), ao investigar a educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro-RS, hoje reconhecido como quilombo, refere-se ao ato de se educar e de construir a identidade própria como resultante de processos educativos que se sucedem no seio de uma cultura, no tempo, no espaço e também na dimensão da liberdade assumida. Neste convívio, uns se colocam com a disposição de pôr outros a par da sua comunidade, de lhes dar referências para que se estabeleçam de maneira própria, mas não individual, no mundo, compreendendo-o com sua comunidade, através da ação conjunta que nela assumem.

Como se conclui, as pessoas se formam baseadas em todas as experiências de que

participam em diferentes contextos ao longo da vida. Ao identificar e valorizar processos educativos em práticas sociais, há um novo olhar, mais crítico, ao estabelecido monopólio pedagógico dos sistemas educacionais, vez que estes pretendem, muitas vezes, deter o único meio pedagógico capaz de educar.

Os estudos vêm mostrando que processos educativos se desenrolam em diversas práticas sociais. Os sujeitos que participam de tais práticas fazem uma interrelação entre o aprendido em uma prática com o que estão aprendendo em outra, ou seja, o aprendido em casa, na rua, nos bares, no posto de saúde, nos clubes, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar. Porém, os ambientes tradicionais escolares nem sempre reconhecem tais experiências e contextos como aceitáveis e qualificados.

Isto nos leva a questionar: como pode a escola participar dos processos educativos que fazem parte da vida das pessoas em seus diversos ambientes, no intercâmbio umas com as outras? Para responder a esta pergunta é preciso que consideremos a leitura de mundo das crianças e dos jovens, que muitas vezes julgamos menos experientes do que professores e outros educadores, ou seja, é necessário considerar a visão e experiência de mundo destes, pois são ricas em conhecimento que merece ser compartilhado.

É notório que as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente “marginalizados” devem ser realizados com cuidado e paciência, através da inserção do pesquisador na comunidade, no espaço social a ser estudado, num conviver, realizado em interação e confiança. O objetivo desta inserção é tentar assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social.

Isto só é possível, quando somos acolhidos, quando nos deixamos acolher e acolhemos o outro. Porém, se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo, esta inserção não será suficiente e não atingirá os seus propósitos.

Esse processo exige paciência e tempo, é uma busca de convívio, seja restrito ao trabalho particular que está sendo desenvolvido, seja em outros espaços e ocasiões, como, por exemplo, atividades e eventos na comunidade. É uma busca de compreender o caminhar e, nele, compreender-se e, assim, entender os resultados dentro de processos humanos de construção histórica de mundo. A atenção ao curso desse caminhar permite a descoberta ou a abertura de novos caminhos que tragam possibilidades de novas experiências e reflexões.

A experiência vivida permite entender a prática social, a experiência do outro, mas

somente se houver respeito à cultura do outro, a seus pontos de vista. Ao conviver em uma outra comunidade para melhor compreender as relações ali existentes, não é entendido como uma anulação de si próprio, de sua história, de seus conhecimentos, mas ao contrário, é o reconhecimento de que todos construímos uma visão de mundo e com esta visão vemos e estamos no mundo, e antropológicamente, podemos dizer “isto é mundo” (FREIRE, 1987). Cada olhar é uma interpretação, pois está permeado por nossa experiência, sentimentos, história de vida.

Para pensar nas práticas sociais como forma de processo educativo é necessário que haja diálogo, convivência e compromisso. Práticas sociais são atividades que envolvem pessoas a partir de um movimento complexo e dinâmico, demandam iniciativa própria de seus sujeitos, tornando-os construtores de sua própria história, que se dá com os outros e com o mundo.

2.6 Memória resgate de cultura por meio de práticas sociais.

A memória pode ser considerada um baú onde está guardado o conhecimento construído pelos nossos antepassados. Baú este cheio de imagens, sons, lembranças, vivências que são nossas referências. Essa memória não vem apenas das coisas que ouvi de meus pais, que ouviram de meus avós, mas porque repito de diferentes formas esse conhecimento, porque compartilho de diferentes formas e ele se enraíza nos viveres dos meus. “A memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” (BOSI, 1979).

Assim, minhas memórias não dizem só de mim, mas retomam nas minhas atitudes o que foi vivido por meus ancestrais e o que vivo e compartilho com meus entes, amigos, irmãos, tios, pais. A memória que persiste nas experiências não só do indivíduo, mas do seu grupo. É o que Halbwachs vai chamar de memória coletiva.

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmití-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, imagem, texto, etc.).

Por outro lado a memória por meio das lembranças que é colocada em prática no dia a dia, até de forma banal, e que podem até passar despercebidas, é carregada de experiência trazida pelos antepassados. A essa forma de guardar lembranças Halbwachs (2006) chamou de memória individual, ou seja, a forma como as imagens-lembranças vividas são selecionadas, organizadas internamente.

A memória individual é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, onde este indivíduo foi socializado.

“A lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1979). É por meio dela que o

passado é recontado e perpetuado. É por meio dela que nossas reflexões, nossas descobertas filosóficas se alicerçam. É revendo imagens de uma história vivida ou ouvida que transmito ao outro o conhecimento construído por mim na vivência. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações (BOSI, 1979). Estando no presente, volto ao passado para transformar em imagens a mensagem a ser transmitida, junto às emoções e sensações que acompanharam o vivenciado.

É pela lembrança ainda que recriamos o presente, que fugimos do instante sofrido, assustador e insuportável para aconchegarmos em imagens, em tempos de alegria e bem estar vivenciados no passado.

Essas mesmas lembranças, que ficaram guardadas podem se tornar recordações. Podem ser acessadas e recontadas de diferentes formas. São imagens que podem ser transformadas e readequadas de acordo com o conjunto de referências do presente. A recordação em outras palavras é a forma de organizar e reorganizar as memórias num tecer entre passado e presente.

“A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.” (BOSI, 2003). Afinal, o que vivo, é de acordo com lembranças, memórias-hábito, condicionamentos e aprendizados culturais transmitidos e a mim ensinados por outros que vem de outros tempos. E o que escolho como importante para que fique ao alcance da memória consciente é da mesma forma influenciado por todo o contexto cultural e comunitário a que estou exposto.

O que aprendo e o que escolho enquanto importante e significativo para ser recontado enquanto referência, faço-o enquanto indivíduo socializado, enquanto indivíduo condicionado, é delineado pelas lembranças, pela memória não só minhas, mas do grupo a que faço parte. Já que o que lembro e o que define minhas memórias são em parte trechos e recordações da memória desse mesmo grupo.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória (BOSI, 1979).

É esse ciclo que permite perpetuar no tempo conhecimentos, aprendizados, práticas, saberes e agires que caracterizam cada grupo e que ao longo do seu existir e resistir numa linha temporal se torna tradição, se torna cultural, transforma-se na identidade, também, definidora do grupo ou comunidade. É assim, que talvez uma Festa do carro de boi persista de geração em geração, quando a relação do tempo e lembrança, é transmitida de pai para filho e de filho para neto.

A memória coletiva de um grupo, se baseia na semelhança, no que há em comum nas lembranças dos indivíduos daquele grupo, num período de tempo. É ela que vai dizer do semelhante, do que acontece em comum entre os viventes da comunidade. Assim, a memória que é coletiva torna-se também tradição. E ao se tornar tradição conta as memórias não só de um sujeito, mas de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade, de uma região, de um país.

O coletivo, por sua vez, se constrói na junção de espaços, lugares e referências compartilhadas. A memória coletiva seria todo esse conteúdo transportado e que existe continuamente, são nossos traços culturais, são nossos atos e agires, nossos saberes e fazeres culturais e que se transformam cada vez mais rapidamente à medida que as memórias dos grupos dialogam e se misturam.

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, em uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar camas, de cultivar um jardim, de preparar um alimento que obedecem fielmente os ditames de outrora (BOSI, 1979).

A memória é o fio condutor em que a cultura é transportada pelos tempos. É ela que nos permite a consciência de estarmos no presente e de já termos vivido um antes. É ela que nos permite a noção do tempo e por meio dela prosseguimos na linha de sucessões e de aprendizados compartilhados.

Assim, nosso ponto de partida poderia estar no pensar a cultura como sendo a interação entre um modo de vida, as formas dadas a ele e os símbolos que certo grupo cria e vivencia em seu dia a dia. Formas e símbolos que são reconhecidos não apenas entre os seus participantes, mas, em alguma medida, por outros grupos que vivem e se manifestam culturalmente de forma diferente (WILLIAMS, 2008).

A busca da reprodução de seu grupo físico e social, e as maneiras diversificadas como ele maneja diferentes sistemas da natureza, promovem o plano mais material de nossas diferenças culturais. Assim, podemos pensar que um grupo que vive a beira mar, desenvolve possibilidades diferentes de outro que vive no sertão. E mesmo grupos próximos, diante de recursos à vista diversos, criam estratégias culturais também diferentes.

Tais adaptações e inovações são compartilhadas entre os membros de um grupo. Um grupo humano que se uniu socialmente como uma alternativa cultural para a sua sobrevivência. E que pelo mesmo motivo seus integrantes mantêm relações de trocas e de auxílios mútuos. Esta conduta original e suas derivadas terão sido o ponto inicial para o surgimento de diversas dimensões da cultura.

Portanto, ao mesmo tempo em que agem sobre o mundo natural transformando-o, agem sobre si próprios, transformando-se. Atuam sobre as coletividades que criam para poderem, co-existindo, sobreviver no plano individual e no plano coletivo. Os seres humanos são capazes de, vivendo em um mesmo ambiente natural, criar várias formas diferentes de associações, de sociedades e de suas vidas socioculturais.

Ademais, os seres culturais que nós somos são capazes de desenvolverem diferentes alternativas do ensinar e aprender os saberes, os significados, os valores, enfim as práticas sociais de seu mundo, através de diversas formas de educação.

Portanto, criando e transmitindo saber, criando e compartilhando símbolos e significados, perpetuamos a cultura e as culturas. Assim, num mundo humano há no seu interior, múltiplos mundos culturalmente diferentes que surgem com a criação e o compartilhamento de ensinamentos.

Um ator social que aprende os ‘saberes’ necessários para sua própria existência, internaliza os conceitos, os valores e as normas através da experiência e, também, com a repetição do comportamento de um outro com o qual aprende. É à medida que o grupo de pessoas permite e incentiva este fenômeno que socialização acontece. E ela é o aprendizado consciente e inconsciente do código cultural pelos quais se chegam a um mundo social. E, claro, a socialização se dará de acordo com os padrões sociais de um dado grupo cultural e da sociedade em que está inserido. Ele preserva e transmite padrões sociais, ou seja, as normas, regras, crenças, valores são propostos e impostos à conduta individual do que aprende. E dessa forma, o círculo de ensinar e aprender, de transmitir traços e expressões culturais se perpetua. Círculo que nasce na interdependência humana e se eterniza nas relações e experiências culturais.

Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto fio condutor, enquanto linha de transmissão que permite que viveres, memórias-hábitos, imagens-lembranças, sejam transmitidas no tempo. A cultura em meio a isso é o conteúdo. É o que está na memória, o que está nas imagens, no cotidiano, no condicionamento. A cultura é o fluido que é transmitido pela memória, pela linha do tempo, que sobrevive de geração para geração em tempos e espaços que parecem vários, mas que podem ser apenas um. (HALBWACHS, 2006). Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto elo e cultura enquanto conteúdo que perpetua.

2.7 Práticas sociais e a complexidade cultural de Minas Gerais

Uma das atividades de trabalho mais comum no interior de Minas Gerais é a atividade rural. Nesse cenário, o carro de boi era parte integrante de uma economia de subsistência, cujas relações sociais eram mediadas pela interação do homem com a natureza. As transformações econômicas surgidas na década de 1970, quando o cerrado se torna terras produtivas em grãos para exportação, o carro de boi é celebrado em festa popular e as práticas sociais em seu entorno ganham novos significados e memórias de um tempo que não mais existe.

Esse tema se constitui em um campo com novos enfoques na pesquisa histórica, acrescido do fato de, sobre a região estudada, haver poucos trabalhos de cunho acadêmico, abrindo, portanto, muitas perspectivas, daí o interesse por esta questão de cultura popular. Motivo do alvo da minha pesquisa estar voltado para o interior das Minas Gerais, buscando conhecer, por meio de suas formas de expressão popular, a riqueza cultural da região.

As várias práticas culturais existentes no viver dos mineiros são um rico cenário para se estudar. Cultura, festas e religiosidades são algumas representações impressas no contexto social dos mineiros, que contracenam enquanto atores de seu tempo, construindo a sua história. Essa cultura, deixa rastros, traços de memória por indícios e sinais, mantendo viva em nossa história os tempos idos das Minas Gerais.

As mudanças ocorridas na cultura popular do interior das Minas Gerais podem ser observadas mais efetivamente na década de 1970 a partir da execução de projetos e planos governamentais das ditaduras militares que transformaram o cerrado em terras produtivas e lucrativas. Café, soja e milho devastaram paisagens e pequenas propriedades, concentrando riquezas e fartura nas mãos de alguns. O mundo rural, construído com trabalho e incertezas, só foi possível porque se sustentou em uma economia de subsistência, na qual se sobressaía a solidariedade entre vizinhos e compadres. A fé e a religiosidade sustentavam a crença em um mundo melhor, regulando e reproduzindo a moral e os costumes.

Porém, mesmo diante dessas transformações profundas é impossível não perceber que o mineiro do interior aprendeu a cultivar a sua memória em pequenos sinais da vida cotidiana, que podem ser observados nos objetos materiais, santos de devoção guardados e cultuados, nos ditos populares, com os quais procura expressar a sabedoria e as experiências de vida, nas suas relações de compadrio, nas comemorações de alguns festejos religiosos e populares rurais nos quais se renovam a fé e o reencontro, nas quitandas e comidas típicas da região, na preferência pelas antigas modas sertanejas ainda entoadas, nas crenças, nas benzedeadas, nos chás e remédios caseiros.

Até a década de 1950, diferentemente da rotina do trabalho urbano, a unidade de tempo

na zona rural era o ano agrícola, o tempo do cio dos animais, de cruzar o gado, de parir, de amamentar, de apartar a bezerrada. Os instrumentos de trabalho existentes refletiam a rusticidade da época e do lugar. Somente as famílias mais ricas possuíam o arado, pois junto com ele era necessária a presença do boi, o que para muitos era custo adicional que não era possível arcar.

Considerando a expansão das terras e da prática da agricultura extensiva, a adoção do arado foi sendo implementada aos poucos, conjuntamente ao emprego das novas técnicas agrícolas. À exceção destas, o que era comum a todos era a enxada, a picareta, o facão, o machado, a foice, a pá, o cutelo e uma carrocinha para os apetrechos, sementes, entre outros. Dentre esses instrumentos de trabalho o carro de boi merece destaque. A sua utilidade para o traslado de mercadorias e gêneros de primeira necessidade, e até mesmo o transporte de pessoas, a construção do imaginário popular que vai desde o seu cantar, até as histórias dos bois de estimação são importantes para os mesmos.

O trabalho existente era baseado na cultura familiar, de subsistência. Existiam ainda outras atividades prestadas em serviço ou com parte da produção, tais como: o empréstimo, o carregamento de mercadorias em um carro de boi, o beneficiamento de um produto no moinho, o fabrico do açúcar, da rapadura ou da pinga de engenho. Havia também as relações de prestação de serviços pagas com produtos. Nesse sentido, até 1960, no interior de Minas, as pessoas contratadas recebiam pelo seu trabalho o equivalente em gêneros alimentícios. Não havia salário e o dinheiro era uma mercadoria rara.

Ademais, sem essas relações de trabalho, de cooperação, a cultura caipira de subsistência teria se extinguido muito antes de as relações sociais de produção capitalista serem consideradas majoritárias e definitivas na zona rural.

A figura do peão de boiadeiro construída e cantada em versos e prosas evidencia a ousadia do macho, vaqueiro destemido que tem o sertão na palma das mãos. Sem morada fixa tem a estrada como o lugar do seu ofício, a boiada como mercadoria a zelar até o seu destino final. Homem de grandes aventuras, muitos amores, não tem laços empregatícios duradouros. Trabalhavam por empreitada, cada boiada um valor a receber.

Estamos reavendo aqui um perfil do trabalhador da zona rural do interior das Minas Gerais, extinto pelas transformações econômicas sofridas na região. A construção das rodovias, conectadas às ferrovias, o incentivo à fabricação de caminhões, contribuíram para tornar inviável esta profissão. Assim, a década de 60 viu desaparecer os últimos peões de boiadeiro que se transformaram em boias-frias, garimpeiros ou serventes de pedreiro.

Os vestígios dessa profissão podem ser hoje encontrados em várias canções sertanejas

antigas, nas festas de rodeio, que animam as feiras agropecuárias realizadas por todo o interior do país e mais especificamente nas festas de carros de bois que reinventam essa tradição.

2.8 Carro de boi – história

O carro de boi faz parte da história do Brasil, durante séculos foi o veículo usado para o transporte de mercadorias, materiais de construção e até para transportar mudanças. Ele figura no quadro de Pedro Américo, na obra "O Grito do Ipiranga" e também é tema de músicas. "*O carro de boi lá vai gemendo no estradão, suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão, vai levantando poeira, poeira vermelha, poeira do meu sertão*". Esta é uma das músicas mais conhecidas do Brasil, ela foi interpretada por vários cantores e cantoras, entre eles, Sérgio Reis, Pena Branca e Xavantinho. A letra fala do triste gemido das rodas deste meio de transporte primitivo, que até hoje ecoa pelo sertão.

O carro de boi é um meio de transporte tido como um dos mais primitivos. Sua forma tem base em uma carroça puxada por dois ou mais bois e seu uso varia entre transporte de carga e de pessoas. É um meio de transporte muito comum no meio rural e tem a vantagem de ter o boi como "combustível", visto que este é um animal de grande resistência.

Para que seja possível construir um carro de boi, é necessária uma mesa de madeira para servir como base da carroça. Em seguida, é feito o uso de um eixo, que serve para que as duas rodas se interliguem à mesa. Da mesma forma, as duas rodas devem ser conectadas à carroça, para que ela ganhe mobilidade.

Uma curiosidade sobre este carro é o regaste cultural que ele proporciona. Ainda hoje é feita uma espécie de festa em comemoração ao transporte que proporcionou mobilidade ao povo do campo. Em Minas Gerais e no sertão gaúcho, são realizados desfiles dos carros de boi, enquanto os moradores locais confraternizam em razão deste marco cultural.

2.9 Origem do carro de boi

O carro de boi ficou nacionalmente conhecido a partir das lavouras de cana-de-açúcar. O uso do carro era feito para transporte da produção de cana até as moendas dos engenhos. Este transporte também conhecido fora do Brasil, em Portugal por exemplo é chamado de Boeiro. Dado ao fato que o auge do seu uso foi durante a colonização brasileira, os portugueses mais ricos eram os que se utilizavam do transporte para sua locomoção.

Por muitos anos este tipo de carro era tido como nobre entre os proprietários de terra

pois o boi não se cansa com facilidade do cavalo, além disso sua força para transporte é muito maior.

2.10 Conhecendo um carro de boi – suas partes

O carro de boi pode ser entendido como um conjunto de aparelhos e acessórios para que eles possam prestar aos serviços a que são destinados. Algumas peças que, além do próprio veículo, são indispensáveis para que ele se movimente, rodando, circulando, transportando.

Por conta desse aspecto de fundamental importância para que o carro de boi exista, torna-se necessário conhecê-lo, apresentando algumas peças e instrumentos que o compõem:

- Canga: peça em que se prende o cabeçalho ou o cambão e que é colocada sobre o pescoço de dois bois, responsável pela transferência de energia mecânica ao cabeçalho.
- Canzil: Peça em forma de estaca trabalhada que atravessa a canga de cima para baixo em quatro pontos, de modo que o pescoço de cada boi fique entre duas dessas estacas;
- Arreia: suporte que atravessa transversalmente o cabeçalho, sobre o qual se apoia as tábuas da mesa;
- Cabeçalho: a longa trave que liga o corpo do carro à canga, que se atrela aos bois;
- Cantadeira: parte do eixo que fica em contato com a parte inferior do chumaço. O contato entre eles produz o som característico do carro;
- Cheda: Prancha lateral do leito do carro de bois, na qual se metem os fueiros;
- Cocão: Cada uma das partes fixadas por baixo das chedas, que servem para fixar, duas de cada lado do carro, cada um dos chumaços;
- Chaveia: cada parte lateral, fixado na cheda, fica situada na frente do cocão e segura a parte anterior do chumaço e o eixo.
- Chumaço: Com forma que lembra um H, é a parte que fica presa entre o cocão e a chaveia, feito de jacarandazinho para resistir ao atrito sem pegar fogo, sendo a parte fixa que entra em contato com o rodante do eixo em baixo da mesa.
- Eixo: Construído de aroeira sucupira ou jacarandá, que são madeiras resistentes, liga uma roda a outra.
- Fueiro: cada uma das estacas de madeira que serve para prender a carga ao carro;
- Mesa: a superfície onde se coloca a carga;
- Recavém, ou requevém, é a parte traseira da mesa, também há lugares

que é chamado decadião.

- Tambueiro: Tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender o cabeçalho ou o cambão à canga;
- Brocha: Tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender um canzil ao outro passando por baixo do pescoço do boi.
- Roda: feita de madeira nobre (Jacarandá), constituída de três pranchas unidas por travas de madeira (cambota) colocadas internamente nas pranchas por furos retangulares, estas fixadas por grampos e chapas de ferro. A circunferência é coberta com chapa de aço fixada à madeira com pregos de ferro cuja forma arredondada deixa um rastro característico.
- Palmatora: partes laterais do cabeçalho na parte anterior da mesa do carro de boi.
- Chocalho ou Guizo: Vara com ferrão usado pelo carreiro e pelo candieiro.
- Ajojo: tira de couro que liga as aspás dos bois.

Para conhecer um carro de boi, esta pesquisadora fez um vídeo com os senhores João Wanderlei, Leonel Antônio e Zezito de Jesus no qual estes mostram todas as peças do carro de boi, que poderá ser visto por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ud-aZvohIPM&t=267s> ou pelo QR Code abaixo, bem como as figuras 1 a 9:



Figura 1 – Fotografia – Carro de boi



Fonte: Da autora (2020)

Figura 2: Fotografia - Carro de boi



Fonte: Da autora (2021)

Figura 3 – Fotografia - Carro de boi



Fonte: Da autora (2021)

Figura 4: Fotografia - Carro de boi



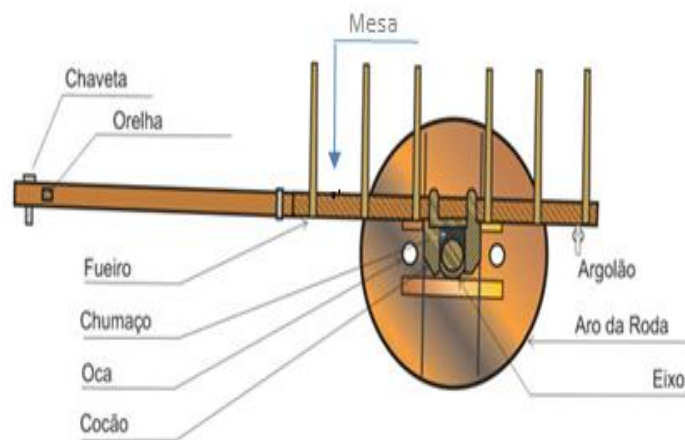
Fonte: Da autora (2021)

Figura 5 – Fotografia – Roda de um carro de boi



Fonte: Da autora (2021)

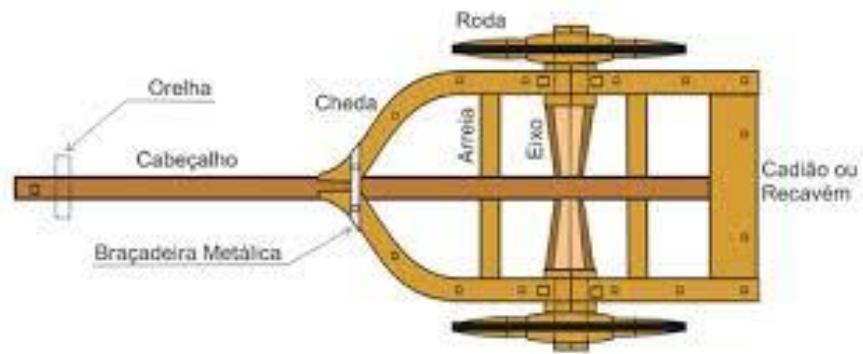
Figura 6 – Desenho – Vista lateral de um carro de boi



Carro de Boi - Vista Lateral

Fonte: Ribeiro (2017)

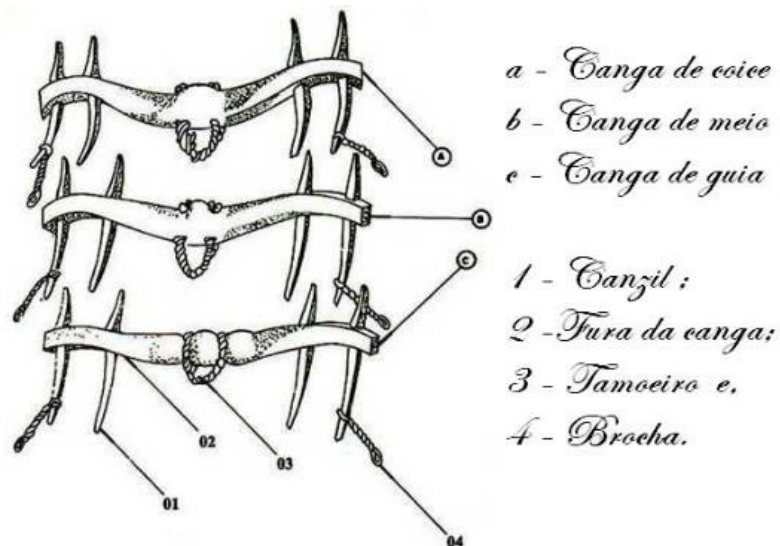
Figura 7 – Desenho – Vista superior de um carro de boi



Carro de Boi - Vista Superior

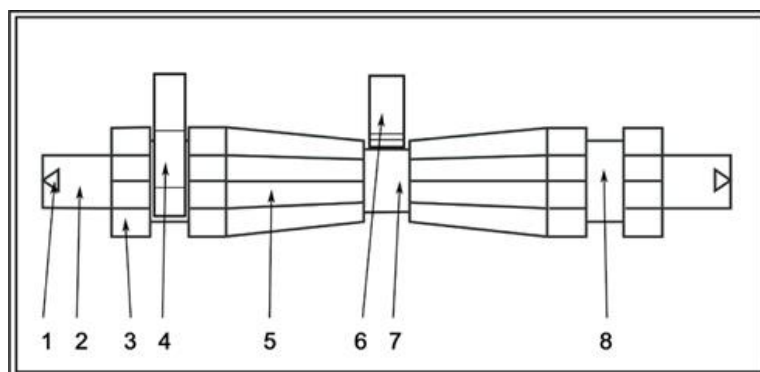
Fonte: Ribeiro (2017)

Figura 8 – Desenho – Tipos de Cangas



Fonte: Ramalho (1995)

Figura 9 – Desenho - Eixo



Legenda: 1 - Furo da cavia da roda. 2 - Espiga quadrada. 3 – Emborgueira (morgueira), um de cada lado da roda. 4 - Cocão. 5 - Degolo. 6 - Chumaço do meio (cantadeira) 7 - Cantadeira do meio (apoio do eixo). 8 - Mancal.

Fonte: Martins (1997)

2.11 Uso do carro de boi

O uso do carro de boi é muito presente no sertão brasileiro, em especial, em Minas Gerais. Os agricultores se utilizam do meio de transporte, além dos cavalos, mulas, para levar a mercadoria até o centro. O carro se transformou em uma tradição do ruralista brasileiro e hoje é visto como símbolo cultural. A principal característica que define um bom carro de boi é madeira que se utiliza. O uso de uma madeira de qualidade define o som que o carro faz. A madeira também define velocidade e a facilidade para transitar.

Um carro de boi leva em média 30 a 45 dias para ser construído e seu valor de mercado é alto, podendo chegar até 15 mil reais. Os dois fatores, tanto o tempo de construção como o valor são variantes da madeira que é utilizada na construção.

A região mineira é a que mais se utilizou do carro, além de cavalos e mulas, e ainda o utiliza. Na época da colonização e até que chegasse a era dos automóveis, o carro de boi foi o único meio de transporte de Minas Gerais, tanto de pessoas, como de produtos e mercadorias.

No ramo do mercado produtor, era muito comum observar o carro sendo utilizado para transporte do café e de cereais até o consumidor. Dado ao fato que o estado de Minas Gerais é ainda hoje o maior produtor de café nacional, ter o carro de boi como transporte significa muito para a história política e cultural da nação.

Ainda hoje o carro de boi pode ser visto em várias propriedades rurais do interior do Brasil, notadamente em Minas Gerais, quer seja como instrumento de trabalho utilizado no dia a dia, quer seja como ornamento ou como amostra de um tempo que já vai longe.

Também não podemos deixar de citar a utilização das juntas de bois para arar a terra (figuras 10 e 11), principalmente em terrenos íngremes, sendo um importante instrumento de trabalho do pequeno produtor rural, o qual não possuindo maquinários modernos tem que se valer deste valioso recurso. Muitos ainda utilizam do arado de junta de bois como o resgate desta tradição.

Figura 10 – Fotografia – Arado de junta de bois.



Fonte: Da autora (2021)

Figura 11 – Fotografia – Arado de junta de bois



Fonte: Da autora (2021)

Por seu valor cultural, o carro de boi é homenageado em diversos festivais e encontros, onde se reúnem os últimos usuários e colecionadores desse meio de transporte rústico e

simbólico do meio rural brasileiro.

Na região sudeste, em Minas Gerais são conhecidos os festivais de carro de boi de Formiga, Bambuí, Boa Esperança, Ibertioga, Desterro de Entre Rios, Vazante, Macuco de Minas, São Pedro Da União, Matutina, Caldas, Congonhal, Resende Costa, Pará de Minas e Lima Duarte. Em Goiás na cidade de Portelândia tem uma das mais belas do estado. No estado do Rio de Janeiro, o festival de carros de boi de Raposo, distrito de Itaperuna é um dos mais famosos.

2.12 Carro de boi na atualidade

Nos dias atuais, seu uso é visto como uma herança de família e para preservação dos costumes da região. Mesmo na sociedade atual com a disponibilidade dos automóveis e maquinários agrícolas, muitos produtores se utilizam do carro de boi para suas atividades. Também há que se considerar que os pequenos produtores rurais não possuem condições financeiras de adquirir maquinários modernos. Outro fato que mantém o uso do carro de boi é que diversos produtores desejam que o transporte prevaleça na história do país. Os produtores e pecuaristas que se utilizam do meio para transporte são chamados de carreiro.

Apesar de uso trazer vantagem ao produtor de pequenas cargas ou para uso familiar, muitos já não o utilizam por não considerarem viável. Em comparação com uma caminhonete ou outro tipo de meio automotivo, o carro de boi chega a demorar cinco vezes mais. Em outras palavras, o transporte não otimiza tempo e não é procurado por produtores de grande porte.

Outro setor que se beneficia da utilização do carro de boi é o turismo. Realizar passeios turísticos com o carro de boi é muito comum, em especial no Sul do país.

A maior vantagem deste transporte é pela resistência do animal. Além de o boi ser mais resistente em longas jornadas, o animal também é conhecido por sua força em carregar grandes cargas. Outra marcante característica do animal é seu caráter manso, em outras palavras, fácil para manejo.

O carro de boi permanece sendo muito procurado pelo setor rural, ou seja, não há falta de mercado consumidor. Além disso, o transporte também conta com alto custo de mercado. Este fato valoriza o trabalho do produtor e gera economia com o retorno monetário.

Embora o transporte não seja rápido, seu uso ainda é procurado para preservação cultural. Muitos produtores ainda procuram o carro de boi para que seu uso não entre em “extinção” ou mesmo caia no esquecimento.

Apesar de ter sido substituído por máquinas agrícolas e automóveis, o carro de boi é

tido como um meio de transporte muito importante para a história do Brasil. Sendo, ainda hoje, considerado por muitos uma herança e patrimônio cultural.

2.13 Festa do carro de boi de Macuco de Minas

Em Minas Gerais existem diversas cidades que promovem a festa do carro de boi, mas duas se destacam aqui na região sul: Macuco de Minas e Conceição da Barra de Minas. O objeto do meu trabalho de pesquisa será a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS distrito do município de Itumirim, analisada como uma forma de prática social e sua relação com a cultura popular local.

Macuco de Minas é um distrito do município brasileiro de Itumirim situado no estado de Minas Gerais. O nome que faz referência ao pássaro macuco, encontrado no local durante a época dos bandeirantes. Segundo dados da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA) em 2014, aproximadamente 2.516 habitantes residiam na área urbana do distrito. O distrito de Macuco de Minas apresenta poucas atividades históricas influentes conhecidas na região. Sendo a parte mais conhecida contada e recontada pelos mais velhos aos jovens oralmente. A fundação de Macuco de Minas aconteceu em 30 de dezembro 1962 pela Lei estadual nº 2764, de 30 de dezembro de 1962, que desmembrou o município de Itumirim do distrito de Ingaí, o tornando município e fundando o distrito de Macuco de Minas.

O carro de boi está muito presente no distrito de Macuco de Minas, ainda hoje, é muito utilizado pelos produtores rurais da região para transporte de lenha, café, cana e leite. Existem em Macuco de Minas cerca de 60 carros de boi. Muitos produtores possuem dois ou três carros, tamanha é a importância e apreço por este meio de transporte.

A FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS foi criada em 1985 por um grupo de 3 pessoas, uma agrônoma da Emater, Sra. Ormindá e dois produtores rurais, Sr. Domingos e Sr. Sebastião Andrade, com o objetivo de resgatar e resguardar a cultura e valorizar as tradições da região em relação a este veículo de transporte milenar: o carro de boi. A festa acontece todos os anos, sempre no quarto final de semana do mês de julho, conta com a participação de vários carreiros da região. Conta com mais ou menos 50 carros bois que desfilam no domingo da festa. Já houve uma festa com a participação de 140 carros de boi, um recorde da festa.

Como já dito, a falta de material escrito relativo ao distrito e à festa dificulta sabermos exatamente como esta foi acontecendo ao passar dos anos. A fonte de consulta para iniciar este projeto foi um vídeo disponibilizado no Facebook, datado de 14.01.2016, onde o Sr. Domingos,

um dos organizadores mais antigos da festa, conta que ela foi realizada a primeira vez em 1985 com poucos carros de boi e contra a vontade do padre da paróquia. Após assistir outros 12 vídeos das festas realizadas, os quais serviram de base para minha pesquisa documental.

Embora nas primeiras festas a igreja não ter participado, com o passar dos anos a festa passou a ter um cunho religioso, pois na mesma é festejado São Sebastião, padroeiro do distrito. Antes do desfile dos carros, há um missa em um terreno descampado, onde são abençoados os carros e os bois, bem como há uma queima de fogos. Atualmente, o padre escolhe um carro de boi, geralmente o mais bonito e mais enfeitado, para que leve a imagem de São Sebastião à frente no desfile.

Figura 12: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas(2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 13: Fotografia – festa do carro de boi de Macuco de Minas(2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 14: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas (2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 15: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas (2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 16: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas(2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 17: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas(2021)



Fonte: Da autora (2021)

Figura 18: Fotografia – Festa do carro de boi de Macuco de Minas(2021)



Fonte: Da autora (2021)

A festa também já foi cantada em verso pelo Sr. Sebastião, um dos fundadores da festa:

Vou desfilar no Macuco de Minas, para mostrar alguma verdade
Que na nossa região ainda existe alguma coisa da antiguidade
Amansei uma boiadinha, o que eu fiz com todo o cuidado
Para carregar São Sebastião o nosso padroeiro aqui do povoado

Embora seja uma festa organizada por um pequeno grupo de pessoas, a importância do evento para essas pessoas e para o distrito é tão grande que em 20/06/2009 foi criada a Associação de Carreiros de Macuco de Minas e Região.

As finalidades desta Associação são: a) Promover e incentivar ações que visem a garantir o desenvolvimento cultural do carro de boi; b) Promover e defender os direitos da associação e seus membros; c) Representar a Associação e seus membros perante os órgãos públicos e privados buscando junto aos mesmos as respostas para demandas, pendências e necessidades em seu meio; d) Colaborar com os poderes públicos e entidades privadas na realização de levantamentos estudos a respeito da situação atual, histórica e cultural do carro de boi e tudo que o segue; e) Proceder o cadastramento dos carreiros; f) Funcionar como agente do processo de desenvolvimento da tradição do carro de boi, executando tarefas de relevante interesse público, dos carreiros e dos associados; g) Organizar e promover a festa do carro de boi no distrito de Macuco de Minas, perpetuando a tradição da festividade, incentivando os

carreiros para que a tradição do carro de boi nunca deixe de existir.

Por meio deste trabalho obtive subsídios que me permitiram pensar e analisar que sujeitos sociais, atropelados, em nome do desenvolvimento e do progresso, pelas práticas desintegradoras de experiências de vida do capitalismo liberal, são capazes de, em um ato de resistência, reinventar uma tradição. Nesse sentido, em busca de uma identidade perdida, festejar há 36 anos o encontro com as raízes do passado e o desfile dos carros de boi, que ocorre durante a Festa do carro de bois de Macuco de Minas foi a forma possível, mesmo que travestida do simbólico, do lúdico, do religioso, de reescrever a história do passado mineiro.

Esta festa reflete a capacidade de resistência das classes populares, permeadas de significados passados que persistem frente à modernidade, permitindo pensar essa festa no campo da cultura popular, como aquilo que permanece das experiências vividas no cotidiano dos sujeitos sociais. Ressalte-se os carros de boi são construídos pelos próprios carreiros, que buscam no meio de matas as madeiras necessárias para sua construção.

Experiências essas que, embasadas em suas raízes culturais, possibilitam desviar-se de um destino traçado pela força do capital, resguardando uma identidade social.

Pela persistência desse evento, envolvendo a cada ano mais e mais pessoas de toda a região na qual se insere, é possível vislumbrar que seu objetivo, ao recriar práticas sociais em desuso, é o de reavivar o elo perdido entre passado e presente. Fazer cultura por meio de um resgate da memória de uma atividade antiga.

Em um esforço por compreender essa festa como uma forma de resistência à modernidade por meio de tradições reinventadas, a vejo como memorização traduzida na subjetividade e poetização do passado, com a intenção de revalorização dos sentidos das funções culturais, produzindo uma nova estética do passado. Nesse sentido, a festa do carro de boi é entendida como uma representação produzida por sujeitos sociais que ainda têm o mundo rural como referência de vida, cujas experiências estão fundadas na sociabilidade comunitária de uma economia rural de subsistência.

O conceito de experiência referido permite pensar a tradição como o momento em que o individual e o coletivo se unem, originando uma prática cultural comum aos sujeitos sociais nela envolvidos, capaz de ser transmissível às futuras gerações. Tradição, desse ponto de vista, não são apenas rastros ou restos que, como lembranças, se diluem e se perdem no tempo. Mais que isso, tendo como suporte uma memória que resiste à ordem de progresso imposta, retoma o passado consciente dos seus sofrimentos e perdas, para projetar um futuro cuja identidade cultural seja porta-voz de sua luta contra a alienação.

Assim, a festa de carro de boi, ao representar um passado por meio de relíquias culturais,

compõe um relato de histórias perdidas, de memórias latentes, recriando não mais o real vivido, mas um conjunto simbólico que, atrelado às experiências do cotidiano agrário, produz a comemoração como uma forma de enfrentamento à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo moderno. É interessante pensar que nos dias desta festa, entremeadas pela poeira das estradas, suor dos corpos embaixo do sol, das vestimentas dos boiadeiros, do gemido dos carros de boi, recriar e reviver uma tradição, cuja prática concreta no mundo rural atual quase já se extinguiu, só pode ser entendida como uma forma de resistência.

3 METODOLOGIA

O termo *pesquisa* significa, segundo o dicionário Aurélio “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa “investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”. O importante aqui é compreender a pesquisa como um processo de produção de conhecimentos para a compreensão de uma dada realidade, isto é, que auxiliem na sua interpretação.

Entende-se por *pesquisa* a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. (MINAYO, 1998).

Então, a função da pesquisa, por mais abstrata que nos possa parecer, é a interpretação do que vivemos. A pesquisa, como afirma Santos (1989), é a “prática social de conhecimento”. Assim, é importante observar que as explicações sobre o termo *pesquisa* vêm sempre associadas à idéia de conhecimento. Portanto, torna-se necessário compreender o que é conhecimento.

Podemos pensar no conhecimento não só “como um mecanismo de compreensão e transformação do mundo”, mas, também, “como uma necessidade para a ação e, ainda, como um elemento de libertação” (LUCKESI, 1985). Temos o conhecimento como um mecanismo de compreensão e transformação do mundo, segundo esse autor, que remete à reflexão sobre nosso mundo cultural. O mundo humano é construído pela cultura, pelos sujeitos em suas relações interpessoais e com o ambiente em que vivem.

Podemos dizer que nossos atos são acompanhados de pensamento, de reflexões sobre o observado, o sentido e o vivido. Necessitamos, por isso, pensar, compreender e conhecer o mundo em que vivemos. Essa ação diferenciada de pensar o mundo e suas coisas é o movimento humano de dar significado a tudo, de compreender da forma mais aprofundada possível nossas relações com o mundo e após, com as coisas. Tem-se como pressupostos básicos que o conhecimento só nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências, e que o conhecimento só tem seu sentido pleno na relação com a realidade (LUCKESI, 1985).

No entanto, o processo de elaboração de conhecimento sobre o mundo não é um processo individual. Os significados produzidos para que o homem compreenda melhor aquilo que o rodeia foram e são produzidos durante toda história da humanidade, pelo conjunto dos

sujeitos sociais. Isso significa dizer que o conhecimento é histórico e social. Histórico porque cada conhecimento novo dá continuidade aos conhecimentos anteriores e social porque nenhum sujeito constrói, a partir de nada, um novo conhecimento: todo conhecimento se apóia em conhecimentos anteriores, produzidos por outros sujeitos, portanto, ele é social e coletivamente produzido (LUCKESI, 1985).

Assim, o conhecimento pode ser, então, um instrumento de libertação. No entanto, assim como o conhecimento pode ser libertador, ele pode ser opressor. Isto é, o conhecimento não é neutro. Se o conhecimento é uma construção humana, pode estar a serviço da libertação dos sujeitos ou a serviço de sua opressão, de seu controle. Somente quando o conhecimento atua de acordo com as necessidades e vontades de todos os sujeitos envolvidos em seu processo ele é libertador. Quando o conhecimento atua a serviço de determinados grupos sociais com o objetivo de defender os interesses desses grupos em detrimento dos interesses dos outros grupos, torna-se um instrumento de opressão (LUCKESI, 1985).

Porém muito se tem avançado na ideia de que é preciso considerar que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis, pois, como afirma Minayo (1998), trata-se de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, interessa muito mais compreender e interpretar seus conteúdos que descrevê-los (MINAYO, 1998).

Dessa forma, considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam. (MINAYO, 1998)

Isso significa dizer que, em educação, a pesquisa possui caráter essencialmente qualitativo, sem perder o rigor metodológico e a busca por compreender os diversos elementos dos fenômenos estudados.

3.1 Tipos de pesquisas

Como dito na introdução, a pesquisa de campo que seria realizada como planejada não

foi possível tendo em vista que a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS não aconteceu no ano de 2020. E em 2021 ocorreu de forma tímida, apenas com o desfile de 13 carros de bois. Portanto, foi necessário pensar quais tipos de pesquisas poderiam ser utilizadas que pudessem atender aos objetivos do trabalho.

A pesquisa bibliográfica foi a primeira fonte deste trabalho, foram consultados livros, artigos, dissertações e teses relacionados aos temas de cultura, práticas sociais, processos educativos, memória, carro de boi. Por meio desta pesquisa pude fazer um levantamento bibliográfico dos temas afetos ao meu projeto.

Outro tipo de pesquisa utilizada neste trabalho foi a pesquisa documental, sendo aquela que recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc. (FONSECA, 2002).

A pesquisa documental utiliza fontes primárias, isto é, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente, tendo objetivos específicos e sendo um rico complemento à pesquisa bibliográfica. Por essa razão, é um tipo de pesquisa bastante utilizado nas ciências sociais e humanas.

Na pesquisa documental me debrucei sobre os poucos documentos antigos e atuais relacionados à festa e ao distrito de Macuco que foram usados para contextualizar a história, a cultura, o social e a economia do lugar.

No caso específico do meu trabalho foram analisados vídeos das festas anteriores do carro de boi de Macuco de Minas e documentos escritos. A análise dos DVDs das festas antigas foi feita de modo a tentar obter informações acerca da organização da festa, da carreata dos bois, da participação popular e do Poder Público.

O ponto de partida deste trabalho foi a pesquisa documental realizada considerando os DVD's das festas antigas foi um mergulho ao passado. Foram analisados 12 DVD's contendo uma duração total de 35 horas de gravação. Os DVD's continham gravações relativas às festas realizadas nos anos de 1990, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013.

Esta análise foi realizada tomando-se por base um roteiro prévio, onde pude apontar as observações que fiz dos vídeos, dentre elas uma visão geral do evento. Busquei obter informações acerca do local onde a festa foi realizada, a quantidade de pessoas presentes, a quantidade de carros de bois, a participação dos jovens, a presença do religioso presente.

As imagens muito antigas, a qualidade do som muito baixo, chegando as vezes ser incompreensível, foi o meu primeiro contato visual com esse mundo cheio de simbologia e

encanto, para buscar dados para a minha pesquisa.

Avaliar como a festa era realizada, a quantidade de participantes, as vestimentas da época, os carros de boi, o chão de terra batida, a multidão aglomerada na frente da igreja foi realmente uma volta a um tempo rico de significados e de informações, conforme a figura abaixo relativa a festa de 1990.

Figura 19: Print screen – Cartaz festa do carro de boi de 1990



Fonte: print screen tela Windows 10.

Figura 20: Print screen – Festa do carro de boi de 1990



Fonte: print screen tela Windows 10.

O primeiro ponto, e o mais impactante, que emerge nas gravações é a religiosidade. Os vídeos centraram na questão do sagrado, pôde ser observado muito presente o respeito ao santo, o respeito à missa. Os participantes do lado de fora da igreja com olhares fixos no santo e no padre, retratam a importância religiosa que a festa traz no seu bojo. As bênçãos dos bois e dos carros, a alegria dos presentes simbolizam uma confraternização entre os participantes da festa.

Os entrevistados da época sempre orgulhosos da festa, não escondiam que se tratava de um grande evento, ao menos para a comunidade local.

As entrevistas eram realizadas durante todo o evento, antes da missa, durante o desfile do carro de boi e os shows realizados.

Figura 21: Print screen – Festa do carro de boi de 1990



Fonte: print screen tela Windows 10.

Figura 22: Print screen – Festa do carro de boi de 2007



FONTE: print screen tela Windows 10.

Ainda no ano de 2021 a Prefeitura de Itumirim elaborou um vídeo institucional da festa do carro de boi de Macuco de Minas, no qual conta a história da festa, o qual poderá ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=40Qv7zeGru0&t=21s> ou pelo QR Code abaixo.



Já num segundo momento, para a pesquisa de campo foi necessário foi definir qual seria o instrumento utilizado. Primeiramente, foi necessário se estabelecer a tipologia da abordagem em ciências sociais (qualitativa ou quantitativa) utilizada para a conclusão da pesquisa, mais que isso, para a compreensão de como os dados foram adquiridos e a forma como se apresentam no decorrer desse capítulo. Para Miguel (2010), a entrevista é o ponto básico de sua teorização, identificando no ato de entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar e conversar. “Entrevistamos porque temos interesse nas histórias das outras pessoas, esta modalidade flexível e dinâmica sendo o principal motivo de se realizar uma entrevista” (MIGUEL, 2010).

A diferença, segundo Minayo (2018), entre uma pesquisa qualitativa e uma quantitativa se pauta na escolha de abordagens que são sustentadas por pressupostos filosóficos distintos, pois

[...] na abordagem qualitativa, entretanto, o que se pretende, além e conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo
[...] as entrevistas ocupam um lugar de destaque no rol das técnicas de pesquisa em ciências sociais, principalmente por lidar com a palavra, veículo privilegiado da comunicação humana (MINAYO, 2018).

Ainda segundo a Autora, o critério mais importante a ser considerado nessa escolha não é numérico (quantidade de pessoas a serem entrevistadas), uma vez que a finalidade não é somente quantificar opiniões, mas explorar e compreender os diferentes pontos de vista que se encontram demarcados em um contexto. O centro da pesquisa que se apresenta está nos diálogos com atores sociais que fazem esta festa acontecer. Portanto, a escolha da pesquisa em termos tipológicos se volta para uma abordagem tipificada em pesquisa qualitativa, por suas características de natureza humana e o significado de determinado objeto em suas convivências cotidianas (PESSOA, 2017).

Segundo Yin (2016), uma das características principais de uma pesquisa qualitativa é estudar o significado da vida dos participantes em um determinado momento. A diferença para a pesquisa quantitativa está no fato de que nesse caso o objetivo é quantificar os resultados, deixando de lado os aspectos subjetivos que podem estar presentes.

Para Pessoa (2017) o caminho metodológico possui como principal objetivo a descrição

dos passos da pesquisa, proporcionando ao leitor uma compreensão maior sobre como foi desenvolvido e realizado no estudo. Para Yin (2016), a entrevista possibilita ao entrevistado a liberdade em sua fala e espontaneidade no diálogo, e com isso enriquecer ainda mais o objeto analisado. Ainda em Pessoa (2017), o trabalho de campo, mediado pelo processo de entrevista:

[...] ele é fundamental na pesquisa, pois representa o momento em que o pesquisador estabelece um contato direto com a realidade estudada, interagindo com os sujeitos e aprendendo a maneira como eles se concebem em suas dinâmicas de vida e de trabalho no lugar em que vivem. O pesquisador possui um papel crucial na aplicação da entrevista, pois ele deve fazer com que o entrevistado se sinta à vontade e confortável em relação às perguntas e também saber que ele é importante para o desenvolvimento da pesquisa, estando ciente que, sem ele e sem suas informações, provavelmente o pesquisador não conseguirá chegar aos resultados esperados (PESSOA, 2017).

Assim, ao utilizar-se das entrevistas àquelas categorias sociais, o que se busca é compreender suas manifestações, tradição e memória, por meio da prática escolhida por eles enquanto símbolos que fundamentam a realização da festa religiosa e o desfile dos carros de boi.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991), a entrevista é uma conversação face a face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador a informação necessária, por todas essas características que apresenta, com o objetivo de analisar uma situação em particular e não o de obter resultados generalizáveis.

O universo (população) do estudo de caso está representado pelos organizadores (associados da Associação de Carreiros de Macuco de Minas e Região) e alguns participantes da festa. Foram entrevistados um universo de 16 pessoas.

Porém devido a pandemia do COVID que assolou o Brasil e o mundo inteiro desde o final do ano de 2019 e que perdura até a presente não pude fazer a pesquisa de campo da forma como esperava, a qual foi substituída por pesquisas bibliográficas e documentais (DVDs, e documentos das festas antigas) e entrevista com organizadores da festa.

A pesquisa de campo que seria feita durante a organização da festa, bem como durante a realização da mesma, foi substituída pela utilização do método de coleta entrevista com os organizadores do evento e os participantes da festa com o objetivo de obter informações e fazer uma reflexão sobre a prática social da festa do carro de boi e a sua importância como cultura popular para a região, em especial para o distrito de Macuco de Minas.

O prejuízo da não realização da festa no ano de 2020 para o meu trabalho só não foi maior tendo em vista que no ano 2021 foi realizada a festa, não nos moldes em que é realizada

todos os anos. Assim, em 2021 a festa foi modesta, contando com uma missa e a carreata de 13 carros de bois, ocorrendo a bênção dos carros no final do desfile. Assim, meu campo de pesquisa ficou restrito, sendo que entrevistei alguns carreiros que participaram da festa naquele ano, além dos organizadores da festa e associados da Associação do Carro de Boi. Tentei por meio da entrevista dos organizadores, pesquisa bibliográfica e documental atender ao objetivo de analisar a Festa de carro de boi de Macuco de Minas como exemplo de prática social inerente à cultura popular regional.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada (vide apêndice A), ou seja, havia um roteiro prévio, mas com abertura para que o entrevistado pudesse ficar livre para expor suas percepções, da mesma forma a entrevistadora pôde ter mais liberdade para fazer perguntas fora do que havia sido planejado, considerando o desenvolver das respostas, ampliando assim os temas a serem abordados. Dessa forma, o diálogo se torna mais natural e dinâmico. As entrevistas realizadas com os organizadores da festa e associados da Associação foram feitas isoladamente, na residência dos entrevistados, deixando-os mais confortáveis possíveis. As perguntas eram do tipo abertas visando obter respostas mais elaboradas e ricas de detalhes, auxiliando assim na compreensão do ponto de vista de cada entrevistado sobre a festa do carro de boi como manifestação de cultura popular.

No dia da festa que aconteceu em 25/07/2021 pude fazer entrevistas com alguns carreiros onde busquei obter informações acerca da importância da festa para eles e como estes estavam enxergando a festa realizada naquele ano (diferente dos anos anteriores devido a pandemia). Neste dia as perguntas foram mais diretas devido ao fato deles estarem preocupados em participar do evento.

Devido a pandemia do COVID as entrevistas foram realizadas desde 2020, tendo em vista que os organizadores/carreiros da festa são trabalhadores rurais e que residem em lugarejos distantes e estavam se cuidando devido pandemia. Muitos não dominam as tecnologias modernas de forma que não pude fazer as entrevistas virtualmente. Ademais entrevistas virtuais podem ser impessoais e distantes, o que com certeza iria refletir no processamento das respostas.

Como já dito, a festa do carro de boi de Macuco em 2020 não foi realizada e, em 2021 aconteceu de forma tímida, assim, as entrevistas foram realizadas com os organizadores do evento, visto que já o realizaram por diversas vezes. Assim, a maior parte das entrevistas aconteceu em 2020, ano em que não houve a festa. Porém, mesmo em tempos de pandemia, os organizadores em março 2021 decidiram pela realização da festa naquele ano (ela sempre acontece no quarto domingo de julho), não poderia perder a chance de fazer algumas entrevistas

durante esse evento.

Considerando todo o contexto pandêmico da época, era de se esperar que a quantidade de pessoas presentes seria bem menor do que em uma festa realizada em tempos normais. Ressalte-se que como estávamos em tempos de COVID-19 não houve divulgação dessa festa, o que contribuiu para que nenhum turista estivesse presente, as pessoas que foram prestigiar o desfile foram os próprios moradores e, em um número menor. Desse modo, pude neste dia entrevistar somente 10 carreiros e 04 moradores locais.

Cabe registrar que as entrevistas foram elaboradas em torno de questões centrais (vide apêndice A), as quais, devido às respostas apresentarem semelhanças de umas com as outras, possibilitaram a quantificação dos resultados por meio de pontos de intersecção. Ou seja, cada pergunta obteve em média de 3 a 5 respostas gerais, o que levou a realização de análise pautada em percentual de cada uma dessas manifestações, e por conseguinte à descrição dos resultados considerando os percentuais de pessoas que deram a mesma opinião.

Para uma melhor visualização com relação às questões centrais para a discussão os resultados serão apresentados por meio de gráficos.

Vale destacar que não foi intenção realizar uma pesquisa quantitativa, com rigorosa avaliação do grau de significância, e sim qualitativa. Tem-se plena consciência de que não foi estatisticamente significativa, principalmente no que se refere a uma instituição de pequeno porte (Associação de Carreiros de Macuco de Minas e Região).

Depois de apuradas as informações, foi feita a análise dos dados para a obtenção dos resultados globais os quais possibilitaram a composição dos resultados por meio de análise, ressaltando a importância dos dados para a análise de uma situação isolada.

A análise e interpretação dos dados propiciaram à pesquisadora relatar, bem como analisar, a partir da entrevista com os responsáveis pela organização da festa qual a importância desta para eles e para o distrito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram os instrumentos de pesquisa que permitiram um melhor relacionamento e maior aprofundamento das experiências dos organizadores, principalmente por meio dos questionamentos propostos, o que proporcionaram um rememorar das lembranças desses sujeitos. Essas entrevistas foram acompanhadas de uma cuidadosa observação participativa registrada em gravação, que permitiu identificar as práticas vivenciadas pelos carreiros de Macuco de Minas que contribuem para a perpetuação da tradição da festa.

Segundo os ensinamentos de Rodrigues e Bicalho (2017), a pesquisa de campo permite ao observador a compreensão da cultura dos sujeitos investigados diante do seu objeto de estudo, no meu caso, a festa do carro de boi. Uma pesquisa, segundo as autoras “é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. Assim, o “observador participante” precisa de uma boa relação e da convivência com os sujeitos da pesquisa”.

Antes de iniciar a análise das entrevistas realizadas, cabe aqui um comentário de que a organização da festa na atualidade, é feita por homens, motivo pelo qual justifica que os meus entrevistados foram homens.

Portanto, as entrevistas seguiram os ensinamentos das autoras, vez que foram realizadas no ambiente do entrevistado, deixando o confortável e seguro. Ademais, a entrevistadora e os entrevistados criaram um ambiente bastante propício para uma relação amistosa, o que pôde ser comprovado pelas respostas obtidas, sempre revestidas de grande sentimentalismo o que denota a confiança do entrevistado em relação à entrevistadora.

Para iniciar a entrevista, a primeira pergunta foi: Há quanto tempo o senhor participa da festa de Macuco de Minas? Esta pergunta seria o ponto de partida pois serve para tentar entender há quanto tempo a festa é realizada, bem como a forma ou o modo de tradição. Segundo Miguel (2010), trata-se do momento em que ocorre a valorização da pesquisa através da produção do conhecimento, referindo-se à pesquisa por uma perspectiva interpretativa. Assim, por meio da representação gráfica em destaque (figura 23) se consegue conhecer o perfil dos entrevistado, pois, por meio dos resultados obtidos essa é a materialização dos diálogos manifestados pelos carreiros, ao serem questionados.

Figura 23: Gráfico – Tempo de participação na festa de Macuco de Minas



Fonte: Informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevista (2020/21)
Organização dos dados: Autora (2022)

É importante ressaltar que, se comparado ao tempo de existência da festa, trinta e seis anos, mais de 70% dos entrevistados, participam da mesma há 30 anos. Este dado sugere uma hipótese que pode justificar tal situação, que talvez esses carreiros tenham trazido consigo esse carinho e afeto desde a infância/juventude, provavelmente instigados por seus pais e avós.

Aqui, podemos citar Franz Boas (2017) que defende que o estudo dos costumes particulares de uma determinada comunidade deve-se pautar no seu contexto cultural e na reconstrução de sua origem e história.

Já com relação aos outros resultados, há uma variação de dez em dez anos (escolhida pela entrevistadora), em que os carreiros participam da referida festa, situação que pode ser explicada pelo fato do gosto pela festa passar de pai para filho, mas que também a cada ano há novos participantes. Pode-se inferir, com base nos DVD's e nas entrevistas realizadas, que a festa do carro boi vai se consolidando ao longo do tempo e agregando novos carreiros. Como há um repasse desta tradição de uma geração para outra, é importante saber quem mais da família ou círculo de amizade do entrevistado participa da festa.

Como ressalta Chauí (1994), o patrimônio cultural imaterial tem que ser valorizado, ou seja, o modo de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que fazem parte de um grupo.

O segundo questionamento feito aos carreiros foi no intuito de saber quem, além deles, participava da festa. Cerca de 95% do total de entrevistados, informou que todos da família participam da festa. Assim, percebe-se quão importante é a festa do carro de boi de Macuco de Minas, pois, além de ser um momento simbólico, especial e de devoção a São Sebastião, padroeiro do distrito, para muitos, é também um momento em que os familiares se reúnem, sendo uma tradição já clássica e que se mantém presente até a atualidade. Os outros 5% disseram que os demais participantes da festa são amigos e conhecidos.

A festa que contém esse viés religioso católico, certamente pode vir a causar exclusões

ou constrangimentos nas pessoas não católicas, mas também, algumas dessas pessoas participa da festa. Portanto, verifica-se que há nesta festa uma forma de afirmação da religião dominante.

Assim, considerando as duas primeiras respostas, o que se percebe é que a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS se apresenta como um festejo marcado pelas práticas de socialização entre os sujeitos, os quais possuem seus laços consanguíneos ou seus laços afetivos, das experiências compartilhadas, sendo a participação na festa um momento especial para conferir maior confraternização.

E por abarcar sobre vivências compartilhadas, a próxima pergunta realizada aos carreiros revela o valor que a festa possui para os participantes/entrevistados, quando questionados sobre a importância da festa para eles.

Segundo Barbosa (2017) expressar os significados de algo através de palavras é uma tarefa um tanto complexa, uma vez que ao tratar dos sentidos do que cada coisa representa, estamos falando de aspectos ligados ao campo subjetivo, às particularidades e emoções que cada um traz em seu interior. Portanto, os carreiros, ao serem questionados sobre a importância que a festa possui para eles, as suas respostas se estruturam em dois pilares centrais: tradição e fé.

Assim, 95% dos carreiros entrevistados alegou que a festa é sinônimo de tradição e fé, um momento de demonstrar sua devoção ao santo padroeiro, bem como de celebrar o carro de boi. Já os outros 5% dos carreiros questionados afirmaram tratar de uma reunião entre amigos e companheiros, das relações que se estabelecem no decorrer das celebrações, nos múltiplos momentos da festa, em suas distintas atividades.

Portanto, ao celebrar o carro de boi por meio desta prática social, podemos correlacionar o entendimento de Dupuis (2008) de que modelos, valores, símbolos são inseparáveis de comportamentos, ações e práticas, formando, juntas configurações culturais, ou seja, a cultura.

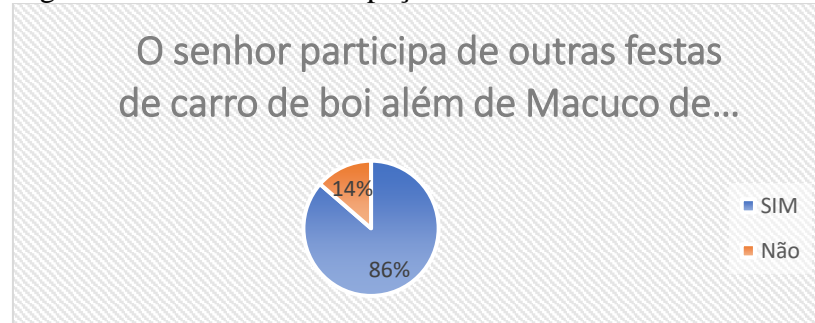
Ainda segundo Dupuis (2008), a cultura seria “constituída pela interação de elementos estruturais” como economia, administração, práticas e representações sociais que constituem as “manifestações da cultura” de um grupo social.

Como a festa tem para os carreiros o sinônimo da tradição e fé, também é importante obter informações que trará respostas se existe, por parte dos entrevistados, a prática de participação ou não em outros encontros/festas de carro de boi, tanto em Minas ou fora dela.

Portanto, entre os carreiros, ao serem indagados sobre a sua possível participação em outras festas, para a maioria a resposta é positiva, conforme se pode observar na figura 24. Dos entrevistados, 86% afirmam que sim, que participam de outras festas/encontros ao longo do ano. Entre as citadas, destacam-se a festa de Boa Esperança. Os outros 14% dos carreiros alegou

não participar de outras festas no decorrer do ano.

Figura 24: Gráfico – Participação dos carreiros em outras festas



Fonte: Informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevistas (2020/2021)
Organização dos dados: Carmo (2022)

Pela análise desses dados, o que se pode aferir é que o ofício de carreiro vai além de um fazer em um dado espaço temporal que demarca o ano, mas desempenha um função marcada pela tradição, pelas heranças culturais trazidas e preservadas de seus antepassados, pelo afeto e resistência para com essa atividade ainda muito presente em Minas Gerais.

Parafraçando Bosi (1979) “a lembrança é a sobrevivência do passado”, é por meio dela que o passado é recontando e perpetuado. É revendo imagens de uma história vivida ou ouvida que transmito ao outro o conhecimento construído por mim na vivência.

Os carreiros ao participar de festividades semelhantes em outras cidades, demonstram que exercitam sua afeição a esta atividade em diversas outras ocasiões durante o ano, não tendo a FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS como o único momento festivo e devocional.

Esse dado reforça que os encontros e festas de carro boi são momentos onde seus pares se encontram para celebrar o carro de boi, instrumento de seu trabalho, uma tradição mantida, carregada de sentimentos. Esses momentos acontecem nos encontros antes do desfile, quando os carreiros aproveitam para conversar sobre o carro de boi, agricultura, família, política.

Amigos e parentes se encontram, colocam a conversa em dia, se inteiram do que está acontecendo na comunidade e nas redondezas.

Percebe-se que muitos carreiros possuem um apreço especial a este tipo de atividade, visto que investem tempo e dinheiro para tal finalidade, revelando ser algo importante e que dá sentido para suas vidas. Assim outra questão direcionada aos carreiros é porque, na visão deles, essa festa ainda é realizada, qual é força motriz que impulsiona essa festa existir, pedindo ainda para explicarem o motivo de sua resposta. Suas respostas foram no sentido de, sobretudo, considerar a valorização da tradição e a força do simbolismo expresso na festa.

Entre os entrevistados, 100% dos carreiros responderam que a festa não pode acabar. Eles alegaram ser a festa uma tradição familiar, uma tradição do local, um festejo que vai além da dimensão de uma comemoração anual no município, algo que faz parte do cotidiano, pois celebra um instrumento de trabalho que ainda é muito presente na região. Esses seriam os motivos que fazem com a festa ainda exista nos dias de hoje.

Neste sentido, pode-se contemplar aqui que os atores sociais se encontram para criar sua cultura, vez que esta pode ser entendida uma produção da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, de construir seus valores, manejar suas identidades e diferenças (BOTELHO, 2001).

Muitos carreiros ainda completaram suas afirmações dizendo que a festa movimentava o comércio do distrito, sendo um importante evento que traz riqueza para a comunidade, faz com o distrito fique conhecido.

Se a unanimidade dos entrevistados aponta pela continuidade da festa, talvez seja interessante saber dos mesmos quais os motivos que os levaram a fazer parte desse evento. Assim, uma vez indagados sobre suas motivações para participar da festa, entende-se, a partir da resposta dos carreiros, que os elementos centrais que eles destacam, versam sobre as questões relacionadas ao que se considera tradição, costume e sagrado.

Assim, 95% das respostas indicaram a tradição e fé como fator motivacional, especialmente através da figura do padroeiro do distrito, São Sebastião. Já os outros 5% justificam que a sua motivação se relaciona com o encontro com os amigos, a diversão, a festa principalmente, através dos shows que acontecem na praça do distrito, das barracas que são montadas. O que pôde ser percebido na entrevista ao Sr. João Wanderlei.

Entrevistadora: Qual a importância da festa para o senhor? E para os carreiros em geral?

J.W: O carro de boi é tradição né...faz parte da nossa vida...aqui em Macuco nós precisamos do carro para nossa lida. A festa é muito boa. Podem celebrar São Sebastião né...nosso padroeiro. Então...a festa a festa é uma tradição nossa...do nosso povo.

Se considerarmos a tradição como sendo uma transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura.

Poderia então, a cultura ser entendida como sendo a maneira como as pessoas e os grupos sociais se relacionam e agem, o que é ressaltado por D'Iribarne (1983), ao afirmar ser cultura um recurso para o estabelecimento de relação e cooperação entre atores sociais.

Ainda, poderia a cultura ser entendida na perspectiva de memória coletiva, que segundo,

Ortiz (2006) esta só existiria enquanto vigente, enquanto prática que se manifesta no dia a dia das pessoas.

Ao considerar que a maior parte dos entrevistados declarou que sua principal motivação é de tradição e fé, de simplesmente participar da festa devido à sua representatividade, faz-se importante também saber se os mesmos costumam receber algum tipo de ajuda financeira para participar do desfile.

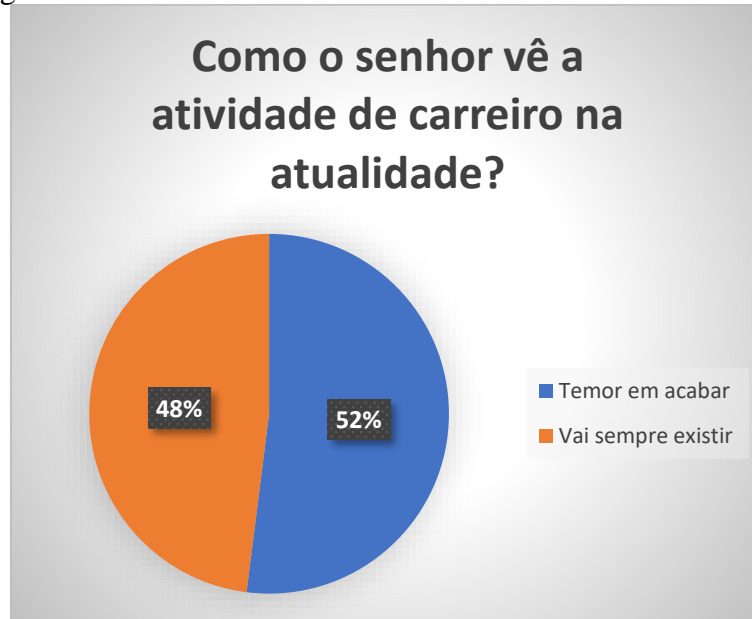
Segundo os entrevistados, que na sua maioria são os próprios organizadores da festa, foi relatado que para os carreiros que vêm de lugares distantes há uma ajuda de custo por meio da disponibilização almoço gratuito no dia do desfile, além da entrega de presente/mimo pela participação da festa a todos os carreiros que desfilam, que geralmente é algo relacionado ao uso do carro de boi. Fora esse auxílio, todo o gasto que eles têm, desde a vestimenta até a organização e ornamentação do carro de boi, é arcado a partir de recursos próprios.

Esses gastos, embora possa atingir valores significativos, na maioria das vezes, nem são percebidos. Afinal, o que os carreiros consideram diante do contexto é a devoção que eles trazem consigo no coração, o gosto pela preservação dessa tradição local, da exibição dos carros de boi e a alegria pela socialização estabelecida ao longo de todo o transcorrer do festejo do carro de boi, o encontro de amigos, a conversa sobre as coisas do campo.

Ao tomar como base a relevância da festa para os carreiros que dela participam, e considerando que o trabalho com o carro de boi é algo que remonta um tempo antigo, sendo seus usuários hoje senhores com idade avançada, torna-se interessante analisar o grau de importância que esse mesmo ofício representa para os jovens, na medida em que esses é que são os responsáveis pela continuidade da tradição. Ressaltando que essa pergunta foi feita aos carreiros que já lidam com o carro de boi e participam da festa há um longo tempo.

Ao serem questionados sobre a atual situação da atividade de carreiro, mais da metade dos entrevistados informou ter um certo temor quanto à continuidade desse ofício, uma vez que para se manter viva essa tradição, esse costume, ele deve ser ensinado, repassado e incentivado aos mais jovens, geralmente de pai para filho, para que assim esses cultivem e perpetuem essa tradição.

Figura 25 – Gráfico – Sobre a atividade de carreiro na atualidade



Fonte: Informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevistas (2020/21)
Organização dos dados: Carmo (2022)

Assim, os conhecimentos podem ser construídos em práticas sociais, das quais participamos no nosso dia a dia e que orientam nossas ações, formando-nos. Essas práticas se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele, é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (COTA, 2000).

O amor pelo carro de boi, o carinho pela festa é muito presente nas entrevistas, a ideia de que a festa tem que continuar a ser realizada, pois é algo da cultura local que os carreiros fazem questão de resguardar. E isso pode ser comprovado pelas cartas que recebi de um senhor de 85 anos, Sr. Geraldo Ribeiro, que hoje encontra-se acamado e por este motivo não pôde ser entrevistado, mas ao saber da minha pesquisa fez questão de fazer chegar as minhas mãos duas cartas que ele mesmo escreveu (uma de próprio punho e outra ditada à sua neta), transcritas abaixo, relatando sua percepção da festa, que denotam a importância da festa:

Sétimo desfile de carro de boi em Macuco de Minas 26 de julho de 1992.
Domingo dia do senhor

Tornou-se uma tradição o desfile do carro de boi em nossa comunidade. Antes talvez um mês é programada a festa, tendo o principal finalidade a santa missa e bênção dos bois, sítios e fazendas.

Após a santa missa desfilaram pelas ruas de Macuco 77 carros, um dos carros a frente conduzindo a imagem do nosso padroeiro são Sebastião. Grande martir e protetor da peste, fome e guerra. E que la do céu protege o nosso rebanho e nos abençoa. Vespera da festa cada rodinha de compaheiros o assunto é da festa a mesma organizada pela Emater de Itumirim. Tendo como dirigente o Sr. Pedro e sua comitiva. E de Macuco o Domingos e outros. Neste

domingo a Igreja celebra a festa de Santana e são Joaquim, eles são nossos avós lá do céu. Que maravilha celebrar nossos avós e como eles ficam contentes junto com Jesus e nossa senhora. Esteve celebrando a missa 5 padres. Pe Raimundo, Pe João Miguel, Pe José Francisco e 2 Pe de São Paulo. Após o Evangelho ouvimos as palavras de um dos padres de São Paulo, falou do povo sofrido. São Paulo a cidade da correria, muitos sem morada. Como nós povo de Deus esperando a salvação. Mas, de qualquer maneira não desanimemos como nos dizia conego José permaneçamos unidos e bem serenos Pois uma vara só e fácil de quebrar, mas um feixe é difícil. Irmãos carreiros a união é amor é fé e esperança caminhemos juntos e vamos em frente. O povo de Deus vacilava, mas pedia perdão. Não importa se você cair, o importante é levantar-se e recomeçar.

No ofertório ofertamos a Deus os materiais, utilizados nos bois e no carro, Foi Deus que nos deu tudo isso o boi é um animal que nos presta serviços para tirarmos da terra o fruto para o sustento de nossas famílias. O pe de São Paulo pediu a nós que rezássemos a oração da noite. Todos os dias om Deus me deito, com Deus me levanto com a graça de Deus e o Divino Espírito Santo. Nós devemos dizer todos os dias, senhor, se tú me chamas aqui estou. Obrigado Jesus, pelo nosso desfile de carro de bois obrigada Jesus pela nossa vida obrigado Jesus pela Eucaristia. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre.
Macuco de Minas 26-7-1992 - Geraldo Ribeiro

V.F.M.J Mensagem do carro de boi cantar

Eu com quase 85 anos de idade,. Nasci na zona rural, aque fui criado e residuo. Minha profissão era a enxada o carro de boi os quais ainda uzo. Já escreve mais de 440 mensagens sobre a religião catolica em três anos e meio de estudo tirei o diploma do 4º ano primario. No tempo de nossos pais e avós tudo era feito no carro de boi, na enxada no arado o esterco. Comprava muita pouca coiza. O feijão preto, o café de assuca preta, o arrôz socado no pilão, a lanparina de querezene, o fubá moido no moinho d'gua, o colchão de palha, o leite tirado sem problemas. O carro de boi é feito com muitas peças. O carpinteiro e o ferreiro é quem faz o carro. Tem que ser homem abilidoso de uma memoria fina. Para acertar os bois no carro também tem quê conhecer e saber. Em varios lugares do Brasil raliza o desfile do carro de boi. Em Macuco de Minas foi realizado o 1º disfile em 1985 nos primeiros anos compareceram 100 carros. Por causa da pandemia está falhando. Mas se Deus quiser dentre em breve estará normalizando. Nas rossas sempre existia o santinho desa fé para esconder da chuva. Os carreiros são sempre unidos, onde há união existe o perdão, existe a paz, os nosso spais deixarão a tua do carro de boi, para quê nós seguiremos, mas com esta mudernagem de hoje o carro de boi está ficando meio esquecido. E nossa casa comu este dom precioso que Deus nos deo, ficando um puoco despresada. Precisamos rezar e pedir a Deus por esta mãe terra. Para quê não falte o alimento para nossas crianças para nossas famílias. Um vercinho

A alegria do carreiro é de ver o carro cantar.

Eu gritei meo vai laranja chega o carro no lugar

Na paz de Cristo. Paz e em.

Comunidade de santo Expedito.

Mato Dentro

Itutinga, M.G.

Geraldo Ribeiro 10-11-2021

Analisando as duas cartas, o primeiro ponto que destaco diz respeito às datas que foram escritas, a primeira em 1992 e a segunda em 2021.

A primeira carta é uma cópia da carta original que foi feita pela neta do Sr. Geraldo. E nesta carta nota-se que desde 1992 a preocupação deste carreiro, dizia respeito em se manter esta tradição. Também pode-se destacar a presença forte do sentimento religioso nas palavras deste senhor, o respeito ao sagrado.

Também se faz presente na primeira carta a importância do boi para aquela comunidade quando cita: “... foi Deus que nos deu tudo isso, o boi é um animal que nos presta serviços para tirarmos o sustento de nossas famílias.”

Por último também é muito interessante a visão que este senhor tem sobre a união dos carreiros e como isso é importante, o que pode ser constatado quando menciona: “Pois uma vara só é fácil quebrar, mas um feixe é difícil ... caminhemos juntos e vamos em frente”, palavras sábias que resumem bem o que é a união para este carreiro.

Na segunda carta escrita em 2021, novamente o Sr. Geraldo menciona a importância do carro de boi para aquela comunidade, bem como fala da união dos carreiros. Mas também aborda a preocupação do carro de boi estar ficando meio esquecido, talvez pelo fato de que a utilização do carro de boi ficar na mãos de poucos.

Essa preocupação também foi sentida por mim nas entrevistas aos carreiros/organizadores da festa. Daí a importância e a preocupação de trazer para participar da festa as crianças e adolescentes, como forma de perpetuação dessa tradição.

A presença de crianças e adolescentes durante a realização da festa, seja como expectadores ou seja como participante, foi algo que sempre esteve presente. A alegria das crianças durante o desfile do carro de boi, principalmente quando participam ativamente, sendo carregadas na mesa do carro é visível. Isso pôde ser comprovado pelos DVD's, pelas entrevistas e pela minha participação na festa realizada em 2021. Isso demonstra ser é um índice que, pelo menos, no distrito de Macuco de Minas, o gosto pela tradição vem se mantendo, ou pelo menos, vem tentando ser mantida, perpetuada, vem sendo passado de geração para geração. conforme se pode observar na figura 26.

Figura 26: Fotografia – Crianças na festa do carro de boi de Macuco (2021)



Fonte: Da autora (2021)

Ademais, pelos relatos de alguns entrevistados que utilizam o carro de boi no dia a dia é habitual a presença também de adolescentes nos trabalhos diários e não somente no dia de festa.

Isso pode ser comprovado por meio de uma entrevista que fiz com Jailson Expedido (17 anos) que arava terra, juntamente com seu pai, utilizando o carro de boi conforme foto abaixo, na qual quando perguntando desde quando lidava com carro de boi, ele prontamente respondeu: “*desde pequenininho....uns 5 anos.*”

Figura 27: Fotografia – Produtor rural arando com junta de bois

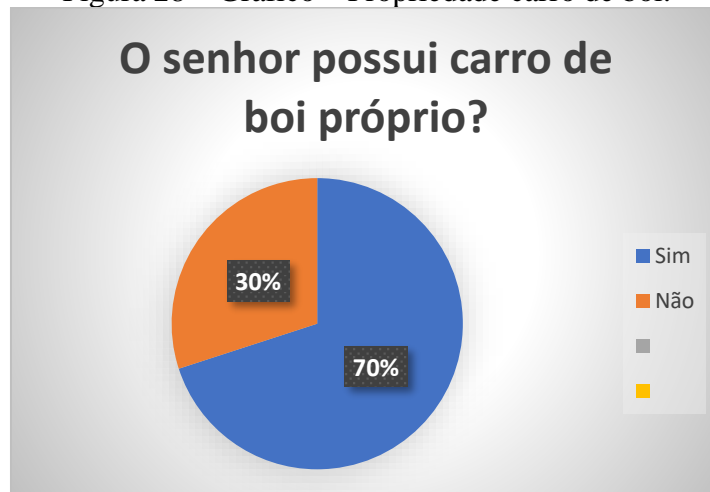


Fonte: Da autora (2021)

Todavia, os carreiros apontam que, a partir do incentivo das famílias, os jovens têm se dedicado a aprender o funcionamento da atividade de carreiro, para que daqui a algum tempo estes assumam tais postos, revigorando e preservando essa cultura local. Mas, se a maioria, conforme se analisa por meio dos resultados da pesquisa, entende que as famílias vêm incentivando os jovens a se dedicarem à atividade de carreiro, pode ser que haja sim perspectivas positivas para os próximos anos.

Por fazer parte de uma tradição, a sua continuidade não só passa pelo desfile do carro de boi, mas também pela arte da construção dos carros de boi, o que leva a questionar a origem desses. De acordo com a pesquisa para 70% dos carreiros, os carros de boi utilizados no desfile são próprios e construídos por eles. Essa questão além de demonstrar a preservação da cultura dos carros de boi como elemento constitutivo da festa, perspassa pela questão da utilização do carro de boi na lida do dia a dia, ainda traz à tona a questão da arte de construir tais veículos.

Figura 28 – Gráfico – Propriedade carro de boi.



Fonte: Informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevistas (2020/21)
Organização dos dados: Carmo (2022)

Os carreiros são os responsáveis pela construção, manutenção, ornamentação do carro de boi, e preservação das atividades que eles desempenham com prazer e orgulho visando preservar esta tradição, considerando as narrativas. Demonstram que se sentem extremamente felizes em poder mostrar suas habilidades manuais, chegando mesmo haver entre eles uma disputa saudável, sobre quem constroi o carro de boi mais bonito.

Esse dado nos leva a refletir sobre a importância do carro de boi para vida dos carreiros de Macuco de Minas e região, vez que muitos destes constroem, em cooperação, o próprio carro de boi, que leva cerca de 30/45 dias para ser construído e é feito totalmente manual. Esse tempo dispendido na construção do carro não há dinheiro que pague, segundo alguns carreiros.

Também há que ser ressaltado que os carreiros se ajudam na construção dos carros de boi. Cada um participa com suas habilidades, ou seja, há uma socialização também deste saber, ou seja, é uma construção coletiva.

Ao ser questionado sobre o tempo de construção de um carro de boi, o Sr. Zezito de Jesus, ferreiro experiente e conhecido na região, relata que:

...tudo tudo é custoso...não tem nada muito fácio né...tudo é devagar memo....rende pouco. Só pra fazer a ferragem desse carro de boi é 12 dia de serviço...tem começar cedo e parar de tarde...

Inclusive, em uma das minhas visitas para entrevistas tive a oportunidade de compartilhar um momento de raro saber, quando pude filmar e fotografar a forja de um “prego” da roda do carro de boi, feito manualmente, utilizando um “fole” que é um tipo de soprador, o qual aquece a brasa de carvão. O pedaço de ferro em brasa é colocado em uma craveira e é moldado utilizando-se uma marreta que forma o prego. Trabalho artesanal, de extrema destreza, onde um pequeno pedaço de ferro se transforma em um prego que irá compor a roda do carro de boi. Esse ofício de ferreiro é passado de pai para filho.

Momento este que ficará gravado em minha memória. Momento de rara sabedoria, aprendizado e boa conversa. Poder entrar neste mundo de tantos significados foi um privilégio. Me inserir no ambiente destes carreiros que possuem uma sabedoria que não se encontra em livros, foi importante para entender este universo encantador.

Para que se possa conhecer e apreciar a riqueza destes ensinamentos, a íntegra do vídeo da forja do prego para a roda do carro de boi pode ser visualizado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=tL1fK3NsHjU> ou pelo QR Code abaixo.



Figura 29: Fotografia – Sr. Zezito de Jesus forjando um prego para roda De Carro de boi usando bigorna e brasa de carvão.



Fonte: Da autora (2021)

Figura 30: Fotografia – Sr. Zezito de Jesus forjando um prego em brasa.



Fonte: Da autora (2021)

Dos entrevistados, a maioria dos carreiros possuem o próprio carro de boi, porém 30% afirma que faz o uso de um carro de boi emprestado para que possa participar do desfile. Contudo, mesmo assim, percebe-se o quão relevante é a festa de Macuco de Minas para essas

peessoas, pois mesmo não tendo carro de boi, fazem questão de providenciar um para continuar participando do tradicional desfile. Aqui também cabe registrar de muitos dos entrevistados tem mais de um carro de boi, o que contribui no empréstimo a outros carreiros, fazendo com a festa fique a cada ano mais grandiosa.

Outro dado importante da pesquisa é que dos entrevistados, 73% dos carreiros afirmou que também utilizam os carros de boi em outros afazeres, dentre esses, destacam-se o transporte de lenha, leite, cana, alimento para o gado e grãos, como o milho, por exemplo. Tais usos remontam a um passado não muito distante, em que grande parte das pessoas que moravam nas áreas rurais utilizava os carros de boi como meio de transporte, principalmente para cargas, considerando a resistência do veículo e por ser guiado por animais que dão conta de tais afazeres e que tem baixo custo de manutenção.

Tive a oportunidade de conhecer e entrevistar o senhor Leonel Pereira que é o presidente da Associação dos Carreiros de Macuco de Minas e Região, carreiro e produtor rural do distrito que possui carro de boi. O mesmo possui uma pequena propriedade rural sendo sua principal atividade o plantio de milho, feijão e cana.

Em muitas das atividades desenvolvidas por ele e sua família há o constante uso dos carros de boi, tais como: carrear lenha para uso no fogão caipira; conduzir a produção da lavoura (milho, soja, cana de açúcar); participar do desfile dos carros de boi na época da festa de Macuco e em outras cidades também, dentre outras atividades.

Portanto, é perceptível que o carro de boi de sua propriedade tem importância fundamental no cotidiano de seus trabalhos diários e também é um objeto de forte representação cultural no seio de sua família. O senhor Leonel nos informou que participa da festa dos carros de boi desde a sua inauguração, e afirma: “nunca perdi nenhuma”. A conversa se deu de modo bastante informal, sem preocupações com demandas formais, deixando o entrevistado livre para sua exposição. Segue um trecho da entrevista:

Entrevistadora: Há quanto tempo o senhor participa da festa do carro de boi de Macuco de Minas?

L.P: Desde o começo. Eu ia na festa com meu pai. Se faltei uma, não me alembro.

Entrevistadora: O senhor tem carro de boi?

L.P: Sim....tenho dois. Um maior que coloco os boi maior e tenho um carro menor, que coloco os boi menor...garrote. O menor fui eu que fiz.

Entrevistadora: O senhor que fez o seu carro de boi?

L.P: Sim...eu e os cumpanheiros. Nós faz carro de boi quando alguém ta precisano. Junta nós tudo e ajuda um ao outro pra fazer o carro.

Entrevistadora: O senhor usa o carro de boi nos seus trabalhos diários?

L.P: Uso....uso pra puxar lenha, milho. Uso pra socar arroz.

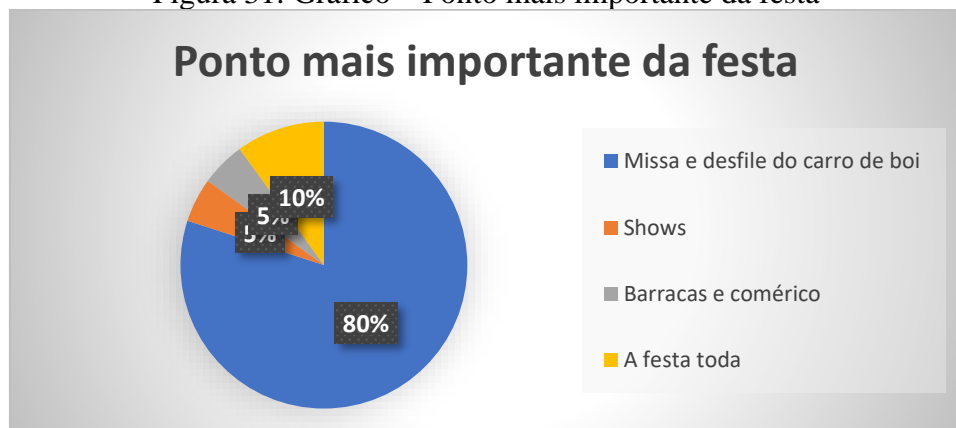
Embora não muito frequente nos dias de hoje, algumas das pessoas que ainda possuem esse veículo em casa, utilizam-no, embora em momentos específicos, o que apresenta a preservação de um costume, de tradição. Por outro lado, os outros 27% dos carreiros entrevistados fazem o uso do carro de boi somente para o desfile na festa, guardando e preservando-o ao longo de todo ano, para que no próximo possa ser utilizado novamente.

Vê-se assim, que o carro de boi para o distrito de Macuco de Minas vai além de um grande ornamento, é algo vivo, presente, útil.

Outro dado importante que também pude obter foi saber dos entrevistados qual é para eles o momento mais importante da festa. Aqui as opiniões se dividiram em dois pontos mais relevantes: a missa em homenagem a São Sebastião, momento de devoção e religiosidade, e o desfile do carro de boi, quando os carros enfeitados, quase todos levando idosos ou crianças em sua “mesa”, guiados pelos carreiros saem pelas ruas do distrito, com seus gemidos característicos, deixando ecoar no ar um som de nostalgia e encantamento, sendo prestigiados por um número de pessoas significativo, revelando uma mistura de religiosidade, cultura e arte.

Cerca de 80% dos entrevistados elegeram esses dois pontos como destaque das festas. Há outros pontos que também foram citados como por exemplo a importância dos shows que ocorrem na praça e que atraem um grande número de pessoas em busca de diversão, principalmente para os mais jovens isso na visão de 5% dos entrevistados. Outros 5% dos entrevistados disseram ser a movimentação das barracas e do comércio o ponto mais importante, uma vez que trazem para o distrito dinheiro e progresso. Por fim, 10% dos entrevistados não escolheram um ponto somente, mas afirmaram que tudo que ocorre na festa é importante, é um complexo de acontecimentos que faz da festa um grande evento.

Figura 31: Gráfico – Ponto mais importante da festa



Fonte: Informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevistas (2020/2021)
Organização dos dados: Carmo (2022)

A análise destes dados nos leva a entender que a maioria dos entrevistados consideram a missa e o desfile do carro de boi um momento só, vez que o desfile só ocorre após a missa e a bênção dos carros e dos bois, não podendo ser dissociados. Dois elementos importantes e centrais na festa que são símbolos de cultura popular. A questão do sagrado quando falamos da missa, da bênção dos carros e bois e questão do trabalho e da resistência, quando nos focamos no carro de boi, enquanto instrumento de trabalho a ser celebrado.

Se pelos dados coletados a maioria dos entrevistados ressaltou que os carros de boi são fundamentais para a festa, é preciso refletir, diante disso, sobre a continuidade ou não da realização deste evento e também o porquê de sua preservação. Dessa forma, mesmo antes de serem perguntados os entrevistados, em sua unanimidade, disseram que a festa não pode acabar, pois é uma tradição, um marco, um costume local. Revelam que há necessidade de manter essa tradição, que se faz presente no distrito há décadas, e preocupam-se que as novas gerações mantenham viva essa tradição.

É consenso entre a maioria dos entrevistados que além da missa e dos desfiles dos carros de bois, os shows e as barracas que vendem de tudo, desde bebidas, comidas, artesanato precisam ser mantidos, pois atraem mais público, mais turistas. Infelizmente, como a festa do ano de 2021 não ocorreu como nos anos anteriores, devido à pandemia, não pude fazer entrevistas com os turistas e nem com os comerciantes para saber a sua visão.

Refletindo um pouco mais sobre a questão da presença dos shows e barracas, verifica-se indícios da presença da indústria cultural na festa. Essa indústria cultural que invade e ameaça as culturas populares. É mais interessante ainda quando os entrevistados associam essa indústria cultural atrelada ao Poder Público local. Sim, porque na visão destes a contratação de cantores, a disponibilização de mais espaços para barracas deveria ser algo que a Prefeitura deveria fazer, pois ajudaria na organização e divulgação da festa. Faria com que a festa fosse “vista” por mais pessoas, transformando num evento grandioso.

Embora nas primeiras festas a presença do Poder Público não se fazia presente, visto que a realização da mesma foi uma ideia de um pequeno grupo de pessoas, com o passar do tempo esse espaço também começa a ser ocupado também por este ente. Em algumas dessas festas a participação da prefeitura se fazia presente por meio de disponibilização financeira.

Aqui cabe fazer um parêntese para a entrevista realizada com o senhor Carlos Eduardo – gestor de cultura e turismo de Itumirim da nova gestão da prefeitura, onde se constata a preocupação com a profissionalização da festa, com a elevação deste evento ao status de grande espetáculo, com a organização feita por empresa terceirizada a ser contratada por meio de abertura de licitação. Seguem trechos da entrevista, onde se percebe a intenção do Poder Público

Municipal em se fazer presente e mais ativo na organização das próximas festas.

Entrevistadora: Carlão, que é o apelido dele, vou chamá-lo assim, é Carlão então você estava me dizendo antes de iniciar a gravação que essa gestão está com um novo olhar para a festa, né. Qual seria esse novo olhar?

C.E: ...E o Poder Público aqui de Itumirim quer efetivamente apoiar a festa mas não somente em Itumirim, mas realmente assim,...profissionalizar a festa...a ideia é esse ano que nós estamos em pandemia é fazer um vídeo histórico, fazer um vídeo histórico que conste depoimentos das pessoas mais velhas que ainda estão vivas.

.... então a ideia a partir do ano que vem, se a gente puder fazer a festa presencial, com o povo, realmente é abrir uma licitação para uma empresa externa que tem experiência em eventos pra ela coordenar a festa, os carreiros terem o prazer de poder fazer o desfile que na verdade é o mais importante da festa do carro de boi...

.... Nosso maior desejo é fazer realmente a festa se tornar algo é....efetivo, não ter como acabar, pelo menos na nossa gestão, da gestão do prefeito Carlos Alberto é essa.

....Eles tem na mão um patrimonio de 36 anos, tudo começou como uma brincadeira mas que hoje tem uma relevância muito importante. Que que a gente quer fazer? A gente quer profissionalizar a festa, a ideia é essa. Porque abrir a licitação, os carreiros da associação só se preocupar com o desfile, as outras coisas deixe que eles cuidam, e aí o que aconteceria? Dentro das exigências da licitação seria um percentual do lucro ir para a associação.

Por fim, considerando que a maioria dos entrevistados fê composta por senhores que já participam da festa há muitos anos, a última pergunta que fiz foi saber qual o sentimento que a festa desperta neles? As respostas, como era de se esperar, foram diversas: saudade, alegria, nostalgia, gratidão, prazer.

Mas, como a maioria participa da festa desde pequenos, pude perceber muita emoção nas palavras quando retrataram lembranças de suas infâncias, lembranças dos pais, que para muitos já não mais estão aqui. Participar da festa é revisitar o passado, buscar na memória tempos felizes, é sentir-se confortável.

As festas em geral, estão presentes em vários momentos da nossa vida, desde o nascimento até na morte em algumas culturas. Estamos sempre procurando um motivo para celebrarmos, festejarmos.

O povo brasileiro é conhecido pela a sua cultura, pela a alegria de viver, pelos modos de se vestir e principalmente pelas suas famosas festas populares. Podemos perceber essa dinâmica em Aquino (2007) quando afirma que,

A festa torna-se um elemento básico na constituição do povo brasileiro, sua formação, o sentido da brasilidade, não apenas como busca do prazer, mas como meio de extravasar sentimentos e anseios ou inquietações de ordem social e ou política.

Em um determinado período a festa irá se apropriar da rotina, do espaço e da dinâmica da sociedade. O ato de festejar faz com que uma determinada comunidade construa saberes e características coletivas. No caso de Macuco de Minas, a festa do carro de boi proporcionou um novo arranjo espacial com uma construção da identidade simbólica predominantemente católica e rica culturalmente. No período da festa as pessoas se aproximam mais, independentemente do seu status econômico e ou classe social.

O momento de festejar traz consigo lembranças e rituais do passado nos quais, o objetivo principal desse momento é refazer esses ritos com fé e dedicação para que não caiam no esquecimento.

É o momento em que as pessoas celebram e se alegram, portanto, a festa representa o lazer e o prazer da convivência dos grupos sociais distintos. Segundo Itani (2003),

A festa é um fato social, histórico e político. Ela constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. Ela representa, igualmente, momento da experiência prazerosa dessa convivência coletiva.

As festas existem desde que as pessoas passaram a viver em sociedade, compartilhando vivências, é um fazer cultura. Conforme Oliveira (2007),

toda festa corresponde a um tempo-espaço espacial. Mais precisamente, forma a demarcação de um fazer coletivo, reunindo muito esforço e prazer num mesmo acontecimento. Geralmente o viver na festa demonstra a força de uma coletividade.

Para tanto, essas festas acontecem de diversas formas com significados diferentes. É o fazer coletivo expressando a cultura desse universo rural e religioso. Cada festa irá ter sua identidade própria e aspectos diferentes, onde as cores, ritos, ritmos mostrarão as características próprias de seu povo e de sua época.

Finalizando a pesquisa, é possível concluir que a entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um maior nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio dos diálogos e das interações. Ao fazer as investigações e demonstrar seus resultados, é possível tentar conhecer como as pessoas percebem o mundo, como se relacionam e suas maneiras, individuais e/ou coletivas, de se expressarem, de mostrarem a sua cultura.

Parafrazeando Minayo (2018), as pessoas que vivem no mesmo ambiente social tendem a desenvolver e reproduzir pensamentos semelhantes e, sendo assim, os significados individuais

podem estar representando significados grupais. Assim, “... a fala de alguns indivíduos de um grupo é representativa de grande parte dos membros deste mesmo grupo inserido em um contexto específico” (MINAYO, 2018).

Portanto, os sujeitos participantes da pesquisa (os organizadores da festa que são os próprios carreiros e moradores locais) expressaram as suas perspectivas direcionadas pelas questões centrais das entrevistas.

Assim, por meio dos dados, percebe-se que existe uma realidade de preservação da tradição do uso dos carros de boi ainda nos dias de hoje, apesar da concorrência de outras modalidades de transporte motorizadas (BARBOSA, 2014). Esse dado pode indicar o fato de que os transportes pontuais com carros de boi se apresentam como uma modalidade mais econômica, se comparado aos maquinários modernos, o que se torna mais atraente aos pequenos proprietários rurais, tornando-se uma importante ferramenta de trabalho de baixo custo.

Conclui-se que a participação de cada carreiro no desfile é mediada pela diversidade de sentimentos, pertencimento, tradição e memória. As narrativas individuais servem para promover a realização da festa, mas também, juntas, expõem as faces coletivas sobre como a veem e o que poderia ser acrescentado na mesma para que continue.

Segundo Garcia e Souza (2014), “na análise das narrativas, é preciso levar em consideração o fato de que embora se possa narrar um fato, ele é contado desde a perspectiva de quem fala, do contexto específico desta pessoa nos aspectos históricos, sociais e culturais”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final da pesquisa, necessário se faz dizer que foram muitas as dificuldades para a sua materialização. Foram muitas possibilidades e vários caminhos que me propus a seguir, tendo que me delimitar no espaço e tempo.

Primeiro devida a escassa ou pouca quantidade de material que realmente dê um enfoque a esse pequeno distrito que, em contrapartida, é o que se constitui no espaço apropriado e vivenciado de fato por pessoas.

Segundo, porque abordar um tema tendo como objeto de pesquisa algo que ainda não havia sido estudado criam-se expectativas desafiadoras paratorná-lo visível, atrativo e acessível às diferentes categorias de sujeitos sociais e ao universo acadêmico. A terceira dificuldade está na pandemia do COVID-19 que fez com que a festa do carro de boi de Macuco de Minas, objeto da pesquisa, não fosse realizada no ano de 2020, e, embora tenha sido realizada em 2021 o foi de forma bem diferente das que vinha sendo realizada.

Mudar o enfoque e a forma da pesquisa foi desafiador, encontrar os contatos dos organizadores da festa demorou, vez que estávamos em período de isolamento social aliado ao fato que muito dos entrevistados, por serem pessoas simples, não têm muita habilidade ou conhecimento de tecnologia, o que impossibilitou a entrevista virtual. Assim, as entrevistas somente foram possíveis serem realizadas no final de 2020, presencialmente, e observando todos os protocolos de segurança.

E no ano de 2021 quando a festa foi realizada, por ainda estarmos em meio a pandemia do COVID-19, o foi de forma acanhada, sem divulgação, sem shows, sem barracas, apenas alguns poucos carros de boi, espaço onde busquei realizar um pouco mais da minha pesquisa de campo.

Por mais desafiador que fosse, devido ao momento atípico que estávamos passando foi possível um diálogo com os carreiros. As entrevistas foram realizadas em suas residências, que eram em áreas rurais, em muitos lugares de difícil acesso, onde estes ficaram mais confortáveis.

Porém, o desejo incansável de levar adiante uma pesquisa da qual também me vi inserida nela, não só por ser a pesquisadora, mas por ter nascido na região, ter na minha lembrança de infância essa festa na memória, me fazendo remontar a um passado longínquo, mas muito prazeroso e cheio de significados.

Esses obstáculos que tive que superar constituíam simultaneamente uma barreira a ser transpassada e um impulso a buscar novas alternativas que satisfizessem as inquietações que

permeavam o caminho dessa pesquisa científica, tentando o tempo todo alcançar o objetivo que foi inicialmente proposto, embora o cenário no qual a pesquisa foi realizada fosse diferente do que fora planejado.

Por conta disso, a presente pesquisa foi realizada com base em bibliografias, análise documental, entrevistas e conversas informais, apresentação e análise de gráficos que revelaram a que ponto a valorização dos aspectos culturais ainda persiste e resiste, apesar da avassaladora produção que privilegia a manutenção do modo de produção capitalista nessa era moderna.

Neste trabalho, em um primeiro momento, como forma de embasamento teórico, buscou-se compreender o termo cultura, os aspectos que a constituem, e especialmente a cultura brasileira. Compreender o que são práticas sociais e a sua importância para a cultura popular tornou-se também um fator determinante. Num segundo momento apresenta-se o carro de boi, sua história e importância, para em seguida entender a festa do carro de boi de Macuco de Minas, protagonista deste trabalho.

Segundo os ensinamentos de Rodrigues e Bicalho (2017), ao analisarem a forma de representação da identidade de um povo, nota-se que a cultura popular é expressa de diversas formas por comunidades populares, cujos saberes são constituídos a partir da observação, da herança familiar, da vivência coletiva, de forma oral, visual e gestual para gerações do presente e do futuro.

A maioria dos festejos mineiros teve origem no meio rural do estado, além de que grande parte dessas festas foram trazidas ao Brasil por religiosos da igreja católica, bem no início do processo de colonização. Assim, quase todas essas manifestações populares têm uma essência religiosa, surgida com a ideia de propagação da fé, iniciadas pelas missões jesuítas que desbravaram o território brasileiro.

Por exemplo, a influência europeia da religião (as procissões, cavalcadas, novenas, festas de santos padroeiros e romarias, a procissão do fogaréu, as catiras, festas de folias, festas juninas, festas natalinas e festas rurais); a influência indígena nas danças, no xaxado, no toré e no uso de plantas medicinais; a contribuição africana traduzida nas homenagens aos santos pretos (as congadas, o jongo, a capoeira, o afoxé, o maracatu, o samba, o samba de roda, para citar algumas delas).

Necessário concordar com Ribeiro (1995) de que, no Brasil, “operaram núcleos aglutinadores e aculturadores dos novos contingentes apresados na terra, trazidos da África ou vindos de Portugal e de outras partes, dando uniformidade e continuidade ao processo de gestação étnica, cujo fruto é a unidade sociocultural básica de todos os brasileiros”. E isto é propiciador também para a existência de diversas categorias de festas.

Perceber por meio deste trabalho como esta FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS faz um resgate da memória de uma comunidade unida por um instrumento de trabalho de grande importância para seus usuários e fazem questão de expressar este afeto pelo carro de boi foi uma sensação ímpar. Entender, ou pelo menos tentar, entender uma cultura popular por meio de uma prática social que se repete há tantos anos, traz em seu bojo situações especiais.

A análise dos dados coletados por meio das entrevistas sinalizou que os participantes da festa (organizadores em especial) têm um grande afeto por esta memória expressada no carro de boi, o que também me contagiou. O carro de boi é um símbolo a ser celebrado. Por outro lado, a análise do que acontece no entorno da festa também diz muito. Como a festa tem também ares de grande espetáculo, pelo menos aos olhos dos próprios organizadores quanto dos participantes, percebe-se a influência da cultura de massa.

Outra questão existente nesta pesquisa, que aparece de forma subliminar, é que no começo era uma simples festa organizada por um pequeno grupo de pessoas, a partir do momento que esta festa ganha importância o seu espaço passa a ser disputado pela Igreja, pelo Poder Público e pelos comerciantes, aparecendo aí a disputa de relações de poder.

A festa, objeto do presente trabalho, possui vários vieses, mas dois ficaram presentes pelas entrevistas realizadas: resistência x alienação. Assim, são duas forças presentes no mesmo espaço: de um lado a alienação por meio de todo aparato da cultura de massa presente na festa (shows, barracas, etc.); de outro a resistência de uma cultura genuinamente popular onde se celebra um instrumento da força de trabalho que embora quase não exista mais em nosso país, ainda teima em (re)existir nesta comunidade.

A festa pode ser vista como expressão de alienação quando analisamos também a distância do propósito do carro de boi versus força do capital. A festa é a oportunidade que muitos do distrito, e até fora dele, têm de auferir renda nos três dias de comemoração, de dar força ao capitalismo.

Já com relação ao ato de resistência percebe-se pela pesquisa realizada que é possível pensar que os sujeitos sociais são capazes reinventar uma tradição, mesmo que sejam atropelados, em nome do progresso, por práticas desintegradoras de experiências de vida do capitalismo liberal.

Assim, manter viva a tradição de festejar o carro de boi enquanto força de trabalho, ainda hoje utilizado por muitos no distrito é uma forma de resistência de uma prática social.

Essa festa que é realizada há 36 anos busca fazer um encontro com as raízes do passado bem distante, o desfile dos carros de bois que ocorre no quarto domingo de julho é uma forma,

ainda que tranvestida do simbólico, do religioso, do lúdico, de reescrever a história passada do mineiro.

Mesmo sendo a festa hoje realizada por meio de uma Associação, criada especificamente para este fim, com regras e normas instituídas, sob o pálio do poder público local e com a participação maciça do comércio da região, é uma vasto campo de múltiplas vivências, trabalhos e práticas culturais já esquecidas.

Pensar esta festa como exemplo de cultura popular é entendê-la como o produto que permanece das experiências vividas no cotidiano dos sujeitos sociais. Experiências essas que estão solidificadas em suas raízes culturais, de modo que possibilitam o desvencilhar de um destino traçado pelas forças do capital, resguardando uma identidade social.

Num esforço de entender esta festa como uma maneira de resistência à modernidade por meio de tradições reiventadas, busca-se na memorização e na repoetização do passado a revalorização dos sentidos das funções culturais.

Assim, a festa do carro de boi pode ser percebida com uma representação construída pelos sujeitos sociais que ainda têm o mundo rural como referência de vida, cuja as experiências estão embasadas numa convivência comunitária de uma economia rural de subsistência.

O conceito de experiências aqui proposto é o que permite pensar a tradição como a união do coletivo e individual originado uma prática cultural comum aos sujeitos sociais nela envolvidos, sendo capaz de ser transmissível às futuras gerações. Aqui a tradição não pode ser vista como lembranças soltas, mas ao contrário, tendo com base uma memória transgressora da ordem do progresso imposta, se fundamenta num passado consciente dos seus sofrimentos e perdas, para buscar construir um futuro cuja identidade cultura seja um exemplo de luta contra a alienação.

Analisando por este ângulo a festa do carro de boi, ao buscar representar esteticamente um passado por meio de relíquias culturais e constituída de histórias perdidas recriando um conjunto simbólico que, mesclado com as experiências do cotidiano agrário, produz uma comemoração contrária à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo.

Busca-se por meio desta festa a reafirmação de uma identidade (a dos carreiros), trazendo para eles o sentimento de pertencimento. Esses carreiros mostram seu conhecimento próprio, específico daquela comunidade, o que contrasta com a fragilidade dos mesmos frente aos modernismos tecnológicos e científicos atuais.

Os três dias de festa permitem, por meio das poeiras das estradas, dos corpos em movimento, do triste lamento dos carros de bois, recriar e reviver uma tradição, cuja a prática no mundo rural atual quase já se perdeu. Esses momentos são únicos e ricos em significados.

São múltiplas vivências comunitárias presentes na organização desta festa e no viver destes carreiros, que se contrapõem à dominação do capital, que é meritocrática, competitiva, individualista, excludente, interesseira e alienada.

Fato é que num cenário de atividades agropecuárias modernas com a existência de grandes latifúndios em contraponto à uma economia de subsistência onde as relações sociais se sustentavam em um trabalho coletivo é que a festa do carro de boi ainda resiste. As entrevistas por mim realizadas revelam nos depoimentos desses carreiros uma recusa em perder sua identidade cultural, suas tradições. Buscam de todas as formas manter viva essa prática social, valorizando o fazer alternativo, de trabalho agrícola a baixos custos e que torna suas vidas possíveis.

Acredito que o tema é muito interessante e que com pesquisas mais profundas poderia agregar mais valor sobre o entendimento de cultura popular e sua importância para preservação de uma tradição, em especial pelo uso do carro de boi, algo tão singular e importante para aquela comunidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1985.
- AQUINO, V.L. **Peregrinos do Pai Eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade-GO**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Rio de JANEIRO, 2007.
- BARBOSA, Romero Ribeiro. **Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano**. Revista Mirante, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 168-183, jun./dez., 2014. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/3178>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BARBOSA, Romero Ribeiro. **Festas populares em Goiás e Pirenópolis: muita gente, vários significados**. Revista Viu?, Pirenópolis, 28. ed, p. 44, 2017.
- BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo/Franz Boas**; tradução de José Carlos Pereira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BORNHEIN, Gerd. **Introdução ao filosofar. O pensamento filosófico em bases existenciais**. Porto Alegre, RS: Globo, 1978.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao. 1979.
- BOTELHO, Isaura. **Romance de formação: Funarte e Política Cultural**. São Paulo: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Definiciones em transición. In: MATO, Daniel (org.) **Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales em tiempos deglobalización**. Buenos Aires, Clacso, 2001, p. 65.
- _____. Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano. In: CANCLINI, Néstor Garcia(org). **Políticas culturales en América Latina**. México: Editorial Grijalbo, 1987, p. 13-59.
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COTA, Maria Célia. **De Professores e carpinteiros: encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional**. Educação e Filosofia, v. 14, n° 27/28, p. 203-222, 2000.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Santa Catarina: Edusc, 2002.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Riode Janeiro: Rocco, 1997.

D'IRIBARNE, Philippe. **Práticas modernas de gestão inseridas nas culturas do terceiro mundo.** Cavitas - Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 327-337, jul./dez. 2003.

DUPUIS, Jean-Pierr e. **Antropologia, Cultura e Organização: propostade um modelo construtivista.** In: CHANLAT, J. F. (Org.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996.

DUPUIS, Jean-Pierre. **Entre as culturas latinas, anglo-saxã e nórdica: os quebequenses em economia, negócios e dministração.** 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala; Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal.** [1933]. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

GARCIA, Lenice Paiva; SOUZA Antenor Augusto de. **A outra face do pensar humano: o objeto turístico e os olhares dos turistas.** Revista Ciência Geográfica, Bauru, v. 23, p. 75-90,2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989

GEERTZ, C. **O saber local.** Petrópolis: Vozes, 2009.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIME, Max; ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas.** In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HORKHEIME, Max; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento.**São Paulo: Zahar, 1985.

ITANI. A. **Festas e calendários.** São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica.** São Paulo: Editora Atlas, 1991

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico.** SãoPaulo: Zahar, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social: teoria,método e criatividade.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

- MINAYO, Maria Tereza. **Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação**. Sobral, 2018.
- MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações**. São Paulo: USP, 2010.
- OLIVEIRA. C.D.M. **Festas Populares Religiosas e suas dinâmicas espaciais**. In: MERCATOR: Revista de Geografia da UFC, Ano 06, número 11, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JUNIOR, Luiz Gonçalves; GARCIA-MONTRONE, Aínda Victoria; JOLY, Ilza Zenker. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. 2009.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG; Kelps, 2017.
- REIS, R. P. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Darlen Priscila Santana; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Um olhar para as expressões culturais de Goiás-Brasil: relato de uma exposição em recorte**. *Biblionline*, João Pessoa, v. 13, n. 4, p. 110-120, set./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/38250>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. Tese de Doutorado (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1987.
- TRICE, Harrison M. & BEYER, Janice M. **The Cultures of Work Organizations**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.
- TV WEB ITUMIRIM. **Vídeo histórico da festa do carro de boi de Macuco de Minas – Itumirim – MG**. Youtube, 04 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=40Qv7zeGru0&t=21s>
- YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto alegre: Penso, 2016.
- WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Unesp, 2007.

APÊNDICE A -Roteiro de entrevista**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL.****Pesquisadora:** Liliana Cristina do Carmo**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Nascimento Fernandes Junior**Pesquisa:** UMA PRÁTICA SOCIAL INERENTE À MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR REGIONAL: ANÁLISE DA FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS**ROTEIRO DA ENTREVISTA COM ORGANIZADORES E CARREIROS DA FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS**

1. Nome?
2. Profissão?
3. Há quanto tempo o(a) senhor(a) participa da festa do carro de boi de Macuco de Minas?
4. Por que esta festa foi criada? Qual o objetivo? Quem a criou?
5. Qual a importância da festa para o senhor? E para os carreiros em geral?
6. Quem mais da sua família participa da festa?
7. o(a) senhor(a) participa de outros encontros e festas relacionados ao carro de boi?
8. Há alguma ajuda financeira para os carreiros que desfilam na festa do carro de boi de Macuco de Minas?
9. O(a) senhor(a) possui carro de boi? Quantos? Comprou ou fez?
10. O(a) senhor(a) utiliza o carro de boi nos seus trabalhos diários?
11. Qual a relação da festa com os processos de aprendizagem de cultura popular?
12. Porque, para o(a) senhor(a) esta festa existe até hoje?
13. Como o(a) senhor(a) vê a participação da comunidade local na festa?
14. o(a) senhor(a) acha que o objetivo inicial da realização da festa mudou nos dias atuais?

15. Qual o significado da festa na atualidade para o(a) senhor(a)?

ANEXO A - Carta Sr. Geraldo Ribeiro 01 - frente - escaneada.

data
 fecha

D	S	T	Q	Q	S	S
D	L	M	M	J	V	S

Setimo desfile de carne de boi em Macuco de Minas.

26 de julho de 1992. Domingo dia de senhas.

tem-se uma tradição o desfile de carne de boi em nossa comunidade, antes talvez um mês e programada a festa, tendo o principal finalidade a santa missa e bênção dos bois, sítios e fazendas.

Após a santa missa desfilaram pelos ruas de Macuco 77 carros, um dos carros a frente conduzindo a imagem do nosso padroeiro São Sebastião. Grande martir e protetor da peste, fome e guerra. É que lá do céu protege o nosso rebanho e nos abençoa. Àspera da festa cada redinha de companheiros o assunto é da festa a mesma organizada pela Emata de Humirim. tendo como dirigente o Sr Pedro e sua cemitisa. E de Macuco o Domingos e outros. Neste domingo a Igreja celebra a festa de Santana e São Joaquim, eles são nossos anjos lado céu. Que maravilha celebrar nossos anjos e como eles ficam contentes forte com seus e nossa senhora. Estes celebrando a missa 5 padres. P.º Raimundo, P.º João Miguel P.º José Francisco e 2 p.º de São Paulo. Após o Evangelho ouvimos os palavras de um dos padres de São Paulo, falou do povo sofrido. São Paulo a cidade da correria, muitos sem morada, como nós povo de Deus esperando a salvação. Mas, de qualquer maneira não desanimemos como nos dizia conego José permanecemos unidos e bem serenos. Pois uma vara só e fácil de quebrar, mas um feixe é difícil. Irmãos carinhos a união e amor e fé e esperança caminhemos juntos e vamos em frente. O povo de Deus vacilava, mas pela fé não. Não importa se nos cair, o importante é levantar-se e recomeçar.

No próximo ofertamos a Deus os materiais utilizados.

Carta Sr. Geraldo Ribeiro 01 – verso - escaneada.

data
fecha

D	S	T	Q	Q	S	S
D	L	M	M	J	V	S

nos bois e no carne, Fei Deus que nos deu tudo isso
 O bei é um animal que nos presta serviços para
 tirarmos da terra o fruto para o sustento de nossas
 famílias. O p^o de São Paulo pediu a nós que rezamos
 a oração da noite, todos os dias com Deus me
 leito, com Deus me levanto com a graça de Deus e
 o Divino Espírito Santo.

Nós devemos dizer todos os dias, Senhor, se tu
 me chamas aqui estou.

Obrigado Jesus, pelo nosso desfilé de carne de bois
 obrigado Jesus pela nossa vida obrigado Jesus pela
 Eucaristia. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre.

Macuco de Minas

26-7-1992



Geraldo Ribeiro.

ANEXO B - Carta Sr. Geraldo Ribeiro 02 - frente - escaneada.

31.7.11.7. Mensagem do povo de loi coutas.

Eu sou quase 85 anos de idade. Nasce na zona rural, aqui fui criado e residuo. Minha profissão era a inxada e povo de loi os quais ainda uso, já exerce mais de 440 mensagens sobre a religião católica. com três anos e meio de estudo tive o diploma do 4º ano primario. No tempo de meus pais e avós tudo era feito no povo de loi, na enxada, no arado e esterco. Comprava muito pouca coisa. O feijão preto, o café de assuca preto, o arroz socado no pilão, a farinha de queijado, o fubá moído no moinho d'agua, o edelão de palha, o leite tirado manual sem folemas. O carro de loi é feito com muitas peças. O carpinteiro eo ferreiro é quem faz o carro. Tem que ser homens abiliados de uma memoria fina. Para montar os bois no carro tambem tem que conhecer e saber. Em outros lugares do Brasil realiza o desfile do carro de loi. Em Macuco de Minas foi realizado o 1º desfile em 1985 nos primeiros anos compareciam 100 carros. Em causa da independencia está falhando. Mas se Deus quiser dentro em breve estara normalizando. Nas rodas sempre mistia o sarilho de ta-pé para esconder da chuva. Os carrões são sempre unidos, onde há uniao miste o pedão,

Carta Sr. Geraldo Ribeiro 02 – verso - escaneada.

 existe a faz. os nossos pais deixaram a terra
 do lar de loi, para que nós seguíssemos,
 mas com esta mudança de hoje o
 lar de loi está ficando meio esquecida.
 E nossa casa com um este dom que Deus
 deu nos deu, ficando um pouco despresada.
 Precisamos rezar e pedir a Deus por este
 planeta mãe terra. Para que não falte
 o alimento para nossas crianças para
 nossas famílias.

Em carinho

Alegria do carrinho e de ver o carro partir.
 Eu gitei meu loi barão chegou o lar no
 lugar.

da faz de list. Faz e Bem

Comunidade de Santo Expedito.

Mato Dentro.

Itutinga, M. G.

Geraldo Ribeiro.

10-11-2021.